
BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

A PINTURA NO REINADO DE D. AFFONSO V

O reinado de D. Affonso V foi um dos mais longos (1438-1481) e durante os seus 43 annos não deixaram de florescer as letras, as artes, as industrias, embora a tranquillidade geral do paiz, comprometida por vezes de um modo bastante grave, não permittisse o seu pleno desenvolvimento.

Fallecido D. Duarte, surgiu logo a mais deploravel discordia por causa da regencia e tutoria do seu successor, tão menino ainda. A rainha mãe sahiu violentada do reino, abandonando ao infante D. Pedro a tutella e educação de seu filho. O regente exerceu com firmeza e tino o poder que lhe fôra confiado, mas não soube debellar os odios e intrigas dos seus emulos, que não tardaram em acirrar o animo do joven rei contra o pae de sua esposa, que tão correctamente havia deposto nas suas mãos o governo. A batalha de Alfarrobeira, uma das paginas mais ltuosas da nossa historia, foi o miseravel desfecho d'esse drama cortezão e familiar, em que a perfidia foi o principal agente.

Em 1457 partiu El-Rei para a conquista de Alcaçer em Africa, renovando em 1471 a sua empreza com destino a Arzilla e Tanger. Os triumphos alcançados na Mauritania incitaram-n'ó talvez nos seus impetos bellicosos contra a Hespanha, mas a invasão nos reinos de Castella foi corôada de um successo bem differente. A derrota de Touro fez murchar os louros do vencedor de Arzilla.

Nos intervallos das luctas intestinas e das guerras extranhas, os descobrimentos maritimos proseguiram na sua marcha pertinaz, ainda que morosa, effectuando-se algumas expedições ás Canarias e não cessando o percurso da costa africana. A pirataria, que infestava então os mares, obrigava por vezes as nossas armadas a fazer preparativos mais serios a fim de reprimir a audacia dos corsarios francezes, inglezes e de outras nações. No interior, as rixas entre bandos e parcialidades de diversos fidalgos eram frequentes, assim como eram frequentes tambem os disturbios populares, como os assaltos ás judiarias, mas estes casos quasi se podem considerar como violentas occorrencias policiaes dos nossos dias.

Apezar de tudo isto, a nossa côrte n'aquelle tempo foi uma das mais polidas da Europa, como bastaria a demonstral-o o vertiginoso conjuncto de festas, tão numerosas como variadas, que se realisaram em Lisboa para celebrar os esponsaes da infanta D. Leonor, imperatriz da Allemanha. Infelizmente não chegou até nós nenhum quadro ou miniatura representativos do espectaculo, ou antes serie de espectaculos, que deslumbraram os olhos dos naturaes e forasteiros. Tantas justas e torneios, tantas cavalgadas, tantos festins, tantas representações, tanta riqueza de vestuario e de adereços, haviam de occupar necessariamente um grande numero de artistas e artifices de diversa especie, no recortar dos trajos, no pintar dos emblemas, no cinzelar das taças, no brunir das armaduras, no reger das danças, no instrumentar das musicas e dos cantos.

Alguns monumentos da época revelam-nos quanto a pintura foi cultivada e tida em estima. Entre os manuscriptos illuminados merece apontar-se a *Chronica de Guiné*, ornada com o bello retrato do infante D. Henrique. Este mesmo retrato apparece num dos quatro magnificos paineis de tabua, que estão hoje num dos vastissimos corredores do palacio da Patriarchal, antigo mosteiro de S. Vicente de Fóra. O assumpto d'estes quadros ainda não está decifrado, mas parecem representar actos ou solemnidades de qualquer confraria ou corporação religiosa, não clerical ou monastica. O estudo da sua procedencia ajudará por certo a determinar a sua significação historica. Como quer que seja elles são de inapreciavel valor, cheios de figuras expressivas, copiadas do natural, verdadeiros retratos. Se fôsse possivel sobre cada uma d'aquellas cabeças pôr o nome da personalidade a que pertencem, ter-se-ia a mais brilhante galeria ethnographica do seculo XV.

Os documentos contemporaneos indicam-nos bastantes illuminadores e pintores, sendo hoje difficilimo fixar a importancia de qualquer d'elles, por isso que não nos é dado saber quaes foram e onde existem as obras que executaram. No convento da Cartuxa, em Evora, trabalhou, por exemplo, um Affonso Gomes, mas logo por infelicidade desapareceram os trabalhos d'este pintor. É possível, porém, que em ultteriores pesquisas nos cartorios, principalmente das corporações religiosas, se venham a encontrar elementos, que ajudem a resolver alguns problemas, que nos parecem hoje insoluveis.

Como remate a estas breves considerações, darei agora uma lista, exclusivamente nominal, dos pintores do reinado de D. Affonso V, de que tenho conhecimento.

Affonso Gonçalves—1451.

Affonso Pires—1478.

Alvaro Gonçalves—1460.

Alvaro de Pedro—1450.

Antoninho (Mestre)—1430. E de crêr que a sua existencia se prolongasse até ao reinado de D. Affonso V.

Antonio Florentim—1439.

Antonio de Moralles—1475.

Fernão Cerveira—1478.

Fernão Lisboa—1471.

Gonçalo Anes ou Eanes—1450.

João Affonso—1473. Parece ter havido outro do mesmo nome.

João Alvares—1451. Idem.

João Anes—1454.

João Gonçalves—1465.

João Martins—1441.

Lourenço Martins—1449.

Luiz Dantes—1454-1466.

Nuno Gonçalves—1450.

Pero Affonso—1456.

Pero Affonso Gallego—1441.

Pero Vaz—1473.

Rodrigo Anes—1481.

Vasco—1455.

Vasco Anes ou Eanes—1450.

Vicitor ou Victor Visete—1452.

De todos estes individuos faço menção na minha *Noticia sobre alguns pintores*, publicada em 1903 nas Memorias da Academia Real das Sciencias e numa 2.^a serie, que tenho prompta para entrar brevemente no prélo.

Sousa Viterbo.

CRUZEIROS NOTAVEIS

(Contin. do n.º anteced.)

XXXII

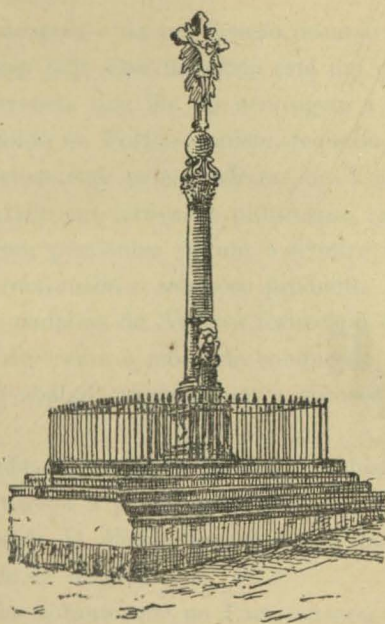
Cruzeiro de Vallongo

São diversas as povoações portuguezas com o nome de «Vallongo», o que não admira, attendendo ao accidentado do terreno, que apresenta com frequencia, entre penhascos e montanhas, planicies mais ou menos extensas de cultura verdejante.

A villa de Vallongo, de que nos vamos occupar agora, fica a duas leguas do Porto, na linha ferrea do Douro. A sua designação é devéras expressiva. Quem segue pela antiga estrada, ao chegar ao alto da serra, fica surprehendido com o espectáculo que se lhe offerece lá no fundo, mórmente se o quadro é observado no alvorecer de um dia de verão, quando os vapores da neblina pairam ainda entre as gargantas das encostas. Pouco a pouco a gaze de nevoas vaé-se rarificando até que se desfaz por completo e então apparece a paizagem encantadora, reflectindo-se num taboleiro de xadrez, formado dos mais variados quadrados de verdura.

Os campos são divisados por muros de louza. As paredes das casas e as eiras são construidas tambem com este material, o que dá um aspecto pouco vulgar á villa, que se estende pela estrada, acostando-se tambem em ladeira, numa das vertentes da serra. A igreja parochial, do orago de S. Mamede, está edificada em sitio imminente e posto que não tenha bellezas architectonicas, é todavia de proporções grandiosas.

Vallongo foi sempre de remotas eras um centro de producção metallurgica de bastante importancia. Ainda se observam com o nome de «fojos» vestigios de galerias, abertas muito provavelmente pelos roma-



Cruzeiro de Vallongo

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 7 — PAG. 308

nos, mas que o vulgo attribue aos mouros, povoando-os de narrativas lendarias e maravilhosas.

Ultimamente estavam em laboração algumas minas de antimónio, cujos resultados liquidos não davam retribuição assaz compensadora. Acham-se todavia em plena actividade as minas de louza ou ardozia, havendo entre outras uma companhia ingleza que se emprega vantajosamente n'esta exploração, exportando para o estrangeiro a maior parte dos seus productos.

A industria da moagem e da panificação occupava a maioria dos habitantes da villa, mas hoje essa industria está um pouco decadente por motivo da concorrência que lhe faz a moagem a vapor. Outr'ora o pão de trigo consumido no Porto—molete, requeifa, biscoitos—era fornecido quasi exclusivamente pelas padeiras de Vallongo, que tres vezes por semana partiam em caravanas pittorescas, montadas em cavalgadas, que levavam pendentes de um e d'outro lado as grandes canastras em que ia armazenado o saboroso producto.

Pelo seu lado as padeiras de Avintes forneciam o pão de milho, sendo comtudo muito differente o modo de condução, que se effectua em barcos, rio Douro abaixo, remados por vigorosos braços femininos.

Vallongo tem tambem gravado o seu nome na historia das luctas civis. Foi ali que se travou a primeira batalha, a de «Ponte de Ferreira», entre as tropas de D. Pedro, recentemente desembarcadas no Mindello e as hostes de D. Miguel.

O exito foi indeciso e tanto que no Porto chegou a lavar grande panico. Se os movimentos dos miguelistas fôsem mais bem combinados e mais audazes, a situação de D. Pedro seria de tal modo critica, que perderia a esperança da victoria definitiva.

O cruzeiro de Vallongo levanta-se na estrada, quasi no extremo da villa.

Raczynski nas suas «Lettres sur les arts en Portugal», já se refere a elle, baseado nas informações de Varnhagen, a quem fez sensação a abundancia de cruzeiros que encontrou nas provincias do norte, «entre os quaes um bastante notavel, com douraduras, em Vallongo». Refere-se ainda ao de Leça do Balio, erradamente classificado do seculo XIII, ao de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães e a outros de Braga. (Vidé obra citada pag. 412).

Este monumento é conhecido pelo nome de «Padrão da Portella»

ou «Senhor do Padrão». Está no meio da rua assim denominada. Tem sete metros de altura e acha-se circuitado por uma grade de ferro. Na base vê-se a figura de Santo Antonio. No alto da columna, que termina em cruz, avulta a imagem de Christo, bem cinzelada.

Não se sabe quando foi erigido este monumento nem qual o motivo da sua construcção, se devido ao voto de um só individuo ou á iniciativa de qualquer collectividade.

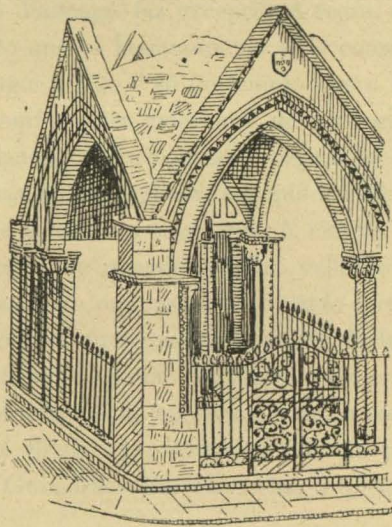
O letreiro que o adorna cifra-se na seguinte oração:

«Bemdito e louvado seja o SS. Sacramento da Eucharistia, Fructo do ventre sagrado da Purissima Virgem Maria».

Em geral a imagem que se vê na base dos cruzeiros é a da Virgem. O de Vallongo faz excepção á regra, o que se explica pelo fervoroso culto que os habitantes da villa consagram ao popular thaumaturgo portuguez. Não é só no templo que o festejam, mas tambem em ruidosas manifestações exteriores, de um character quasi gentilico — cavalhadas, danças, philarmonicas e toques de zabumba, fogos de arteificio e comesainas pantagruelicas, em que o vinho é distribuido nas mesas por meio de cantaros e regadores. A eleição dos juizes é uma solemnidade apparatusa e quando a juiza velhã vae entregar a imagem do santo á juiza nova organisa-se um luzido cortejo nocturno, formado pelas mais bonitas raparigas da terra, virginalmente vestidas de branco, levando cada uma na mão um castiçal de prata com vela accesa.

A photographia de que nos servimos para a reproducção da nossa estampa, foi tirada expressamente por um photographo amator, o sr. Guilherme Guimarães Correia Leite, a quem agradecemos a gentileza da offerta.

Depois de publicado este artigo, foi-nos enviado, com amavel dedicatória do seu auctor o reverendo Padre Joaquim Alves Lopes Reis, um volume de 388 paginas, recentemente impresso no Porto, no qual se faz uma interessante e encomiastica descripção da pittoresca e laboriosa villa. Intitula-se *A villa de Vallongo, suas tradições e historia, descripção, costumes e monumentos* e não deixará de adquirir a obra quem fizer collecção de monographias d'esta especialidade.



**Cruzeiro de N. Senhora da Oliveira
(Guimarães)**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 7—PAG. 311

Cruzeiro de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães

Se não remonta aos tempos primitivos da monarchia, é sem duvida um dos mais antigos e incontestavelmente um dos mais notaveis, senão o mais notavel, já pelas suas proporções architectonicas, já pela sua belleza esculptural, já pelas numerosas imagens que o adornam. O seu conjuncto offerece, pois, um cunho artistico e archeologico de bastante merecimento.

O cruzeiro não está exposto ao ar livre, mas sim resguardado por uma especie de alpendre ou baldaquino, composto de quatro faces, em cada uma das quaes se abre um arco de fórma ponteaguda a sustentarem todos uma aboboda de pedra.

Tem este monumento ou «padrão», como vulgarmente lhe chamam, uma origem lendaria ou sobrenatural, e uma origem historica, confirmada por uma inscripção contemporanea.

Diz-se que havia junto da egreja de S. Torquato, nos suburbios de Guimarães, uma oliveira, cujo producto servia para alimentar a lampada do Santo. Profanamente a arrancaram d'ali e a transplantaram para a patria de Affonso Henriques, defronte da egreja da Collegiada, na supposição por certo de que ella continuaria a dar o seu óleo para a lampada da imagem de Nossa Senhora. Esta expectativa, porém, foi illudida e o tronco só reverdeceu milagrosamente quando no anno de 1342 um Pero Esteves, natural da villa e mercador em Lisboa, mandou ali collocar um cruzeiro, que seu irmão Gonçalo Esteves havia adquirido na Normandia.

A authenticar esta lenda existia no cartorio da Collegiada de Guimarães um longo documento em duas grandes folhas de pergaminho, o qual foi trazido para a Torre do Tombo, onde hoje se conserva (maço 28). E' uma especie de certificado do tabellião Affonso Pires, em que testemunha diversos factos sobrenaturaes relativos á miraculosa oliveira. O trecho que mais directamente se refere ao cruzeiro e sua procedencia é do teor seguinte:

«Senhor. Affonso Pirez, tabelliõ na vossa villa de Guimarães, ffaço saber aa vossa merce que na era de mill e trezentos e oiteenta annos oito dias do mes de setembro foy posta a cruz na Almagaria de Gui-

marães e adusea hy Pere Stevez uosso natural filho que foy de Steuã Garcia, em outro tempo mercador de Guimarães, a qual cruz Gonçallo Estevez irmão do dito Pere Estevez diz que foy vontade de Deus que lhe deu a entender que fosse a Lormandia a Anafrol e que comprasse a dita cruz e a adusesse a este lugar de Guimarães hu está aseentada a par da oliveira, a qual oliveira quando esta cruz a par della aseentarõ era seça e daquel dia a tres dias que esta cruz hy aseentarõ começou de recreger e deitar ramos».

Foi o «padrão» de Nossa Senhora da Oliveira devido á generosidade real ou voto simplesmente de um fervoroso catholico? No vertice de cada um dos arcos vêem-se as armas reaes, mas isto não é testemunho sufficiente de que a obra fôsse mandada executar por D. Affonso IV, quando é certo que na inscripção gravada em lamina de bronze, collocada na haste da cruz, se declara cathegoricamente a sua procedencia. Reza ella do seguinte modo:

«A onra d Deus e d Scã Maria, e por esta uila mais onrada ser, e o poboo fez fazer esta obra Pero Steves, de Guimarães, mercador em Lixboa, filho de Estevão Geia, e de Mta Pez na E. M. CCCLXXX annos. VIII dias d Setembro

M: L. R. O. F. E. X.»

Em presença d'este letreiro é clarissimo que foi Pero Esteves, filho de Estevão Garcia e de Martha Peres, quem mandou fazer a obra, sendo portanto equivocada a expressão uzada pelo auctor do «Minho Pittoresco» (tomo 1.º, pag. 599) quando diz que elle fôra seu auctor, o que poderá induzir em erro, suppondo que elle proprio a esculpisse. Apesar de se referir á inscripção, o mesmo auctor diz que o «padrão» fôra fundado por D. Affonso IV.

Na mesma corrente de idéas voga o sr. José Caldas num artigo publicado na «Arte e a natureza em Portugal», onde escreve o seguinte periodo: «O nosso D. Affonso IV (1340) passa por ter visitado a «Senhora da Oliveira» logo depois do Salado, mandando construir, em memoria d'este facto, o baldaquino que está junto ao templo da Virgem, e dentro do qual existe uma notavel cruz normanda, que é um modelo da architectura votiva do seculo XIV.»

Uma circumstancia plausivel se poderia admittir para explicar esta diversidade de procedencias, e vem a ser que D. Affonso IV mandasse construir o resguardo, pondo n'elle as suas armas. Ainda assim



Cruzeiro de Alcanede

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X. N.º 7 — PAG. 313

uma tal collaboração collocaria el-rei numa certa inferioridade e custa a crêr que quem fez o mais, não fizesse o menos.

Como quer que seja não existe, crêmos, nenhuma outra prova da intervenção do nosso monarcha. O brazão d'armas poderia significar apenas um acto de respeito e consideração da parte de Pero Esteves, cujo espirito tanto se aprazia em aformosear e engrandecer a sua terra natal.

Além do letreiro, acima transcripto, vêem-se mais umas letras na haste do cruzeiro, no cimo das facetas, abaixo logo das estatuas. São gothicas e respectivamente as seguintes: G^o—P^o—St.—Mt.

O padre Caldas julgou-as signaes indecifráveis, mas o reverendo abbade de Tagilde particularmente nos informou que as interpreta, e crêmos que muito acertadamente, por esta fórma: Gonçalo, Pero, Estevão, Martha, correspondendo aos dois irmãos Gonçalo e Pero e a seus paes Estevão e Martha.

Este elegante e magestoso cruzeiro, um «flos-sanctorum» em miniatura, é adornado, além da imagem do Christo, de mais sete, de vulto, em tamanho natural, a saber: Nossa Senhora, S. João Evangelista, S. Damaso, papa, natural de Guimarães, S. Torquato, martyr, arcebispo de Braga, Nossa Senhora do Rosario, S. Philippe, apostolo e S. Gualter.

O sr. Vilhena Barbosa descreve nos «Monumentos de Portugal» o «padrão» de Nossa Senhora da Oliveira, sem comtudo indicar, segundo a sua nórma habitual, as fontes historicas onde bebeu informações. Tudo, porém, leva a crêr que lhe tivessem servido de guia as obras de Gaspar Estação e do padre Torquato Peixoto.

Em presença d'este rapido esboço, claramente se deduz que o «padrão de Nossa Senhora da Oliveira» está pedindo um estudo minucioso, não só sob o ponto de vista historico, mas tambem sob o ponto de vista artistico, particularisando-o devidamente com a penna e o lapis.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edificio Historico do Carmo

XXXIV

Cruzeiro de Alcanede

Alcanede, notavel villa do districto de Santarem, remonta aos primeiros tempos da monarchia, se já não tinha existencia anterior. Era povoação amuralhada e com castello. A egreja matriz já nada offe-

rece, crêmos, da sua fôrma primitiva e segundo nos disseram, o seu portal acaba de ser vandalicamente substituído na reconstrucção, que se está operando.

Defronte do templo levanta-se um cruzeiro que ali foi posto ha 225 annos para commemorar a procição da Via-Sacra, effectuada n'aquella villa a 17 de março de 1680.

É humilde, mas elegante, adornado de diversas inscrições latinas e portuguezas.

Uma d'estas apresenta uma linha de difficil leitura, não podendo ser definitivamente interpretada por algumas pessoas entendidas, a quem foi mostrado um decalco.

O distincto engenheiro sr. Francisco Augusto Garcez Teixeira, tirou uma photographia expressamente para enriquecer a nossa colleção, a qual reproduzimos, acompanhada da seguinte noticia, que tambem teve a amabilidade de nos offerecer.

«Em frente da egreja matriz de Alcanede, hoje em reconstrucção, existe um singelo cruzeiro de calcareo brando da localidade, tendo a fôrma que vae indicada na photographia junta.

Nas quatro faces do embasamento existem as seguintes inscrições:

(Face da frente).

DECIMA ESTAÇAM DA VIA
SACRA
BENDITA E LOUVADA S
EIA A PAIXAO E MORTE
DE NOSSO REDENTOR IE
SVS CHRISTO

(Face sul).

ECCE LIGNVM CRVCIS
INQVO SALVS MVNDI PE
PENDIT VENITE ADOREMVS

(Face norte.)

NO ANNO DE 1680
 AOS 17 DIAS DO MES D
 E MARCO SE FES NEST
 A VILLA A PORCICAO
 DÁ VIA SACRA PE FR
 IOAC.. V.. ARTE DE L
 R OTRVXE HVA'
 CRVS ATE ESTE LVGA
 R E MANDOV FAZER
 ESTA DE PEDRA

(Face poente.)

HOC SIGNVM ERIT IN
 CELO CVM DOMINVS A
 D IVDICADVM VENERIT

Na inscripção da face norte não é facil a leitura da 6.^a e 7.^a linhas. Nos sitios marcados por pontos estão dois signaes com o feito de quadrados com as duas diagonaes traçadas. O nome do padre será naturalmente João Zuzarte. É possível que o gravador das letras, que não sabia lêr, como se vê pelo agrupamento das letras e das palavras, que não é o que apresentamos, mas sim quasi arbitrario, fizesse os ZZ com a barra ao contrario como ainda hoje é frequente nos pintores de taboletas, e depois emendasse sobrepondo a barra ás direitas, resultando d'ahi a figura do quadrado com as duas diagonaes.

A supposiçãõ é verosimil, pois ainda ha memoria de Zuzartes na villa. As letras DELRO, a ultima das quaes está junto a «truxe», talvez queiram dizer «de Loureiro».

Informam alguns moradores da localidade, que havia ainda mais cruces, o que bem se acredita, attendendo a que se tratava de uma «Via-Sacra».

(Continua)

Sousa Viterbo

NOTICIAS DE TORRES VEDRAS

Brazões da Villa

Vi em Torres tres brazões antigos:

O da Fonte Nova tem a data 1529.

O que está na escada da Camara Municipal tem a data 1518.

O do chafariz dos Canos é muito mais velho, singelo e hieratico, sem ousadias decorativas; creio que é do seculo XIV.

O da Fonte Nova apresenta duas torres ligadas por um pano de muralha com sua porta: torres de tres andares, com ameias, frestas para jogar virotos e béstas, terminando em cobertura pyramidal, com sua bandeira quadrada e uma estrella sobre a bandeira; entre as torres um escudo real, sem coroa nem castellos, só as cinco quinas com os seus besantes. Infra a data 1529 entre duas siglas, talvez F e R.

O que está na Camara mostra duas torres de cobertura conica, ligadas pela muralha sem porta; tem barbacam, ameias, sobre as torres bandeiras farpadas, sobre estas, estrellas.

Sob a barbacam um festão florido, infra um letreiro:

Esta casa e quintal

he do concelho

1518.

Entre as torres o escudo das quinas.

O do chafariz dos Canos tem tres torres eguaes, separadas entre si, uma a meio do escudo mais acima, duas aos lados d'esta, mais abaixo. Cada torre sua janella de volta redonda, e quatro ameias; a ameia formada por um dado ou cubo, sobre este uma pyramide de base quadrada excedendo muito a face do cubo.

Na fonte está outro escudo com o brazão real, as quinas collocadas á antiga, as lateraes com as pontas para dentro.

Este escudo da fonte dos Canos parece-me ser o brazão antigo da villa, o primeiro, o das *turres veteres*. Depois conjugaram este com o escudo real, tirando a torre media e mais alta para dar logar ás quinas; ao que parece no tempo de D. Manuel, o reformador do velho foral, pois que o brazão que está na escada da Camara tem a data 1518.

Archivos

Camara, Misericordia, Egreja de Santa Maria

Quando estive na interessante villa de Torres Vedras lembrei-me de visitar archivos, que é onde se encontram reunidos mais documentos authenticos da vida local.

Para alguma cousa ha de servir isto de ler lettras antigas, a paleographia; porque ver archivos e cartorios sem os entender é inutil.

Manuel Agostinho Madeira Torres na — Descrição historica e economica da villa e termo de Torres Vedras —, falla de antigos documentos, e na 2.^a edição da sua obra os editores deixaram muitas notas em que se referem a velhos pergaminhos e papeis dos cartorios da villa.

A vida antiga, as phases sociaes, as instituições, a evolução historica, tudo apparece nos archivos a quem tiver paciencia de manusear com attenção codices e avulsos arrumados, quantas vezes esquecidos, desprezados, tristes, poeirentos, nos seus armarios.

Agora que tanto se falla de sociologia esses archivos teem ainda maior importancia; antes os estudiosos procuravam especialmente os grandes acontecimentos e as vidas dos grandes vultos, attende-se presentemente tambem á evolução das instituições, ao viver dos povos, ás manifestações moraes das classes menos brilhantes. Divaguei, pois, algumas horas pelos archivos de Torres Vedras, e vou escrever, condensando muito, do que vi.

Comecei pelo archivo da Camara Municipal, que está installado em armarios, n'uma casa ampla com muita luz.

Vi lá uma peça de primeira ordem, o Foral da villa, dado por D. Manuel.

O primeiro foral foi concedido por D. Affonso III em 1250, e conserva-se na Torre do Tombo.

Do foral de D. Manuel está o original em Torres, e bem conservado, lindamente escripto em pergaminho.

Percorri tambem alguns livros de actas da camara, bella série que começa em tempº d'el-rei D. Sebastião. Estes codices são importantes, porque não se contentaram em lavrar actas, mas incluíram o registo de documentos de maior significação. Ora o municipio e comarca de Torres foram de grande importancia em tempos volvidos, com a especia-

lidade proveniente da preponderancia da Casa das Rainhas. Assim encontrei alli noticias de Santarem, Alemquer, etc., que não esperava achar; assim, por exemplo, foi o corregedor de Torres que em 1640 teve o encargo de regular a segurança e a administração em Cascaes, Alemquer, etc., terminado o dominio hespanhol.

Do tempo dos Philippes estão registados muitos documentos sem duvida valiosos.

Como se vê o archivo municipal de Torres contém dados de valor para a historia do municipio e para a politica geral do paiz.

E mais, é claro, os que importam á vida municipal, os economico-administrativos, os que se referem a obras publicas, viação, preços de generos, etc.

Visitei tambem o archivo da Santa Casa da Misericordia.

Se entro sempre com respeito n'um archivo municipal, que é onde está o documento do homem, rico ou pobre, nobre ou plebeu, entro com veneração e amor n'um cártorio de Casa de Misericordia: ali está a vida do pobre, do enfermo, do engeitado, do encarcerado, ali está a meu ver a instituição mais gloriosa que tem o povo portuguez. A beneficencia moderna nas suas multiplas manifestações não attinge a perfeição d'esse maravilhoso instituto que corresponde perfeitamente ás necessidades sociaes.

O livro mais antigo que vi data de 1608. Vi livros de tombos, accordos, receita e despeza, compromissos, e de enterros. Ha um Tombo grande, que é um formidavel in-folio, do tempo de D. João V. Tem medições de propriedades urbanas e ruraes que o tornam precioso. N'este volume está a descripção minuciosa da egreja e Casa da Misericordia, feita em 1730. No termo de Torres havia hospitaes e albergarias na idade media, no Amial, Carvoeira, Tureifal, S. Gião, Ribaldeira, Azueira, S. Mamede e Dois Portos.

E' extraordinario o que se fez em Portugal no ramo de beneficencia publica, nos primeiros seculos da monarchia. Creio que foi no seculo XVI, principalmente, que se realisou a concentração nas Misericordias de todas essas pequenas instituições, albergarias, gafarias, etc. De todas vi noticias no archivo da Misericordia.

Finalmente fui ver, na amavel companhia do prior, o archivo de Santa Maria do Castello. Esta notavel egreja, antiga capella real, conserva ainda o seu archivo! é caso raro em Portugal. Porque os archivos parochiaes, quasi todos, foram concentrados pelos prelados, e ja-

zem ignorados nos Seminarios, alguns sem a minima organisação. Este lá está nas suas areas velhinhas, conservado e limpinho, amado pelo digno parochio. Vi lá pergaminhos do seculo XIV, do bom rei D. Diniz, de 1307 um d'elleŝ, e muitos dos seculos XV e XVI. É bem singular um archivo parochial com os seus velhos livros, amarellecidos pelo tempo, dos que nascem, dos que se casam, dos que morrem; dos que passaram n'este mundo de esperanças, de alegrias, de soffrimentos.

No Varatojo

Na sala do capitulo vi dois lettreiros.

Aqui descansão
as cinzas do Ven.¹
P. F. Antonio das
Chagas. Miss. Apost.
e instituidor deste
Semin.^o faleceu a
20 de outubro de 1682.

Fr. Joaq.^m do Espirito Santo
restaurador deste
Seminario
Fal. em Santarem
3 d'agosto 1878

Na quadra, perto da porta que deita para a matta:

Aqui jaz Felipa do
Reguo molher de Nuno
de Sampaio 1530.

Reparei na igreja nas seguintes pinturas:
Na capella mór;

Anunciação
 Adoração dos reis
 Adoração dos pastores
Noli me tangere.

Na sacristia;

Milagre de Santo Antonio. O burro ajoelhado ante a sagrada particula.

Pentecostes.

Na ante sacristia;

O presepe, pequeno quadro em madeira, de trabalho fino, um tanto estragado.

A quadra, arcada e varanda coberta, o travejamento assente sobre columnellos, está bem conservada.

Para esta quadra ou pequeno claustro diz uma casa a que chamam dos refratos, que me parece ter sido uma aula.

O portal desta casa é em manuelino, de trabalho apurado e em boa pedra; é uma peça nitida. Nesta casa está uma pintura em madeira, o Calvario.

A moldura do quadro é de pedra lavrada, também em manuelino; pareceu-me uma antiga porta ou janella aproveitada para alli.

Estes trabalhos tem intima relação com os portaes de S. Pedro, de S. Thiago, ediculo dos Perestrellos, etc. Vê-se que em Torres Vedras houve na primeira metade do seculo XVI artistas trabalhando com methodo e gosto.

A porta principal da igreja do Varatojo é ogival, singela; aos lados tem brazões com as armas de Portugal e o rodizio de D. Affonso V.

As ventanas da torre são ogivaes.

E vi n'uma córte contigua um portal antigo também de ogiva.

Por isto se vê bem que este antigo edificio soffreu reconstrucções.

A quadra deve ser da primitiva, apesar de não apresentar ogivas; o travejamento é singular; no todo singelo ha uma pureza, uma sobriedade que nos incute idéas de paz e recolhimento; como na matta, de vetusto arvoredado, frescas fontes murmurejantes, e clementes horizontes.

Bello sitio para dulcificar maguas e socegar corações attribulados. Por aqui passeou a sua grande dôr e cruel desesperança um rei, D. João II, depois do desastre de Santarem.

Uma inscripção moderna

Na igreja de S. Pedro, proximo ao pulpito, repousa Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, sob campa rasa, com o letreiro:

AQVI IAZ
 LVIZ DA SIL
 VA MOVSI
 NHO DE AL
 BVQVERQ
 QVE FALES
 CEO NESTA
 VILLA DE TOR
 RES VEDRAS
 AOS XXVII DE
 DEZEMBRO
 DE MDCCCXLVI

REQ. I. PAC.

E' singular como em Torres e em pleno sec. XIX se lavrou tal inscripção; mesmo o character da lettra é archaico; parece que o entendido que fez o modelo para o lavor do canteiro poz esmero em imitar o antigo, e muito antigo.

Porque n'esta mesma egreja se encontram lettreiros dois seculos mais velhos sem tantos archaismos.

Sinos

Vi os de S. Pedro.

Um tem na fimbria *Sanctus Deus* e o nome Miguel Delmaco.

Outro: *apprehende arma et scutum.*
Miguel Delmaco, 1673.

Sineta: tem a data 1802.

Gabriel Pereira.

REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 11

Sessão de Assembléa geral em 5 de Agosto de 1905.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira,
vice-presidente architecto.
Secretario, Rocha Dias.

As 9 horas da noite abriu-se a sessão, estando presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs. Dr. Caetano da Camara Manuel, Ernesto da Silva, Antonio C. Mena Junior, Jesuino Ganhado, Dr. Arthur Lamas, Sebastião da Silva Leal e José Alexandre Soares.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente; seguindo-se algumas apreciações do sr. Carvalheira, gratissimas ao secretario.

Correspondencia:

Comunicações dos srs.: presidente da secção de archeologia, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, e vice-secretario João Rodrigues Fernandes, de que não podiam comparecer.

Officio do sr. Conselheiro Severiano da Fonseca Monteiro, director geral interino das obras publicas, participando que em data de 24 de julho ultimo fôra attendido o pedido d'esta Associação relativamente ao subsidio para se restaurar o tecto da capella de Santo Antonio em Penamacôr.

Outro do sr. coronel Carlos Ernesto Arbués Moreira, chefe da secretaria do Arsenal do Exercito, perguntando em que dia e hora podiam ser entregues no Museu do Carmo tres pedras tumulares existentes no edificio do extincto convento de Chellas. (Foi a secretaria da guerra que, por intermedio do sr. general Honorato de Mendonça, ordenou a remessa d'estas pedras.)

O *Comité* director do 3.º congresso internacional da «Arte publica» que ha de reunir-se em Liège desde 15 a 21 de Setembro proximo, convidou a Associação a inscrever-se neste congresso.

O sr. Presidente chamou a attenção da Assembléa para os documentos que acompanhavam o mesmo convite, pedindo a todos os socios que os tomassem na devida consideração.

Leu-se um officio de agradecimento do sr. Dr. Antonio Ferraz, administrador do concelho de Barcellos, pelo voto de louvor que a Assembléa geral na sua ultima sessão deliberára consignar na acta.

Tambem por motivo de louvores votados mandára para a mesa o sr. thesoureiro Ernesto da Silva uma communicação de agradecimento seu.

O secretario participou que o sr. coronel Filippe Malaquias de Lemos o encarregára de agradecer a todos os socios que approvaram a sua admissão a socio effectivo e de justificar a sua falta á presente sessão, porque tinha de retirar-se para o Algarve.

O sr. Presidente deu parte de que, desejando a Academia de Estudos Livres promover em 15 de agosto corrente uma manifestação commemorativa do anniversario da batalha de Aljubarrota, aquella collectividade fizera o seguinte pedido: Que lhe fosse permittido visitar nesse dia o Museu do Carmo e que a nossa Associação encarregasse um dos seus socios de explicar nessa occasião o que era e o que significava esta maravilha architectonica, permittindo tambem, depois da visita da Academia, a entrada franca de todas as pessoas que então pretendessem ver estas magestosas ruinas.

A Assembléa, louvando e associando-se á iniciativa da Academia de Estudos Livres, congratulou-se pela homenagem prestada ao inclito

patriota portuguez, annuiu ao pedido apresentado e nomeou o sr. Gabriel Pereira, 1.º conservador do Museu, para dar as explicações requeridas, por isso que S. Ex.^a tem summa competencia e auctoridade no assumpto.

O sr. Presidente disse que seria muito para estimar que viesse o maior numero dos nossos consocios receber os visitantes da Academia e apresentou, com todo o elogio para o seu auctor, o seguinte folheto do sr. Dr. Arthur Lamas: *Uma medalha portugueza inedita*. (É a que commemora a restauração do regimen absoluto em 1823, a que o vulto ficou chamando a «Jornada da Poeira».)

Em seguida o sr. Presidente proferiu patrioticas considerações ácerca do Santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, inspirado e crente fundador do monumento do Carmo, e, sentindo que não houvesse um Pantheon nacional onde se recolhessem os restos mortaes de todos os representantes das nossas gloriosas tradições, fez a seguinte proposta, de que resalvou a redacção:

«Proponho que esta Associação tome a iniciativa de estudar a fórma de levar a effeito como condigna homenagem prestada á memoria de um dos maiores vultos historicos de Portugal, o seguinte:

1.º Destinar uma das capellas do edificio historico do Carmo (Museu) para capella sagrada e consagrada á memoria d'esse vulto, onde se deposite, como reliquias, a sua ossada.

2.º Que esta Associação, estude devidamente o assumpto e, enviando todos os esforços para que seja effectuada essa commemoração e, depois de escolhida uma data historica, constitua com isso uma homenagem de caracter nacional.

3.º Que seja nomeada uma commissão para que, apresentando os alvitres que julgue convenientes e praticos, habilite esta Associação a realizar essa homenagem pela fórma mais elevada e condigna com o vulto que d'ella é o principal objectivo.

Em 5 de agosto de 1905.

(a) *Rosendo Carvalheira*.

Depois de breves observações dos srs. Ganhado e Mêna Junior, foi a proposta unanimemente approvada, ficando desde logo nomeada a Commissão, que se compõe dos srs: Conselheiro Augusto José da

Cunha, Rosendo Carvalheira, Dr. Camara Manuel, Ernesto da Silva, Dr. Arthur Lamas, Antonio Cesar Mena Junior, Jesuino Ganhado, Sebastião da Silva Leal, José Alexandre Soares e Eduardo Rocha Dias.

O sr. Mena Junior deu conta do desempenho da comissão que lhe foi confiada pelo sr. Presidente na sessão anterior com referencia ao tumulo de Fernão Telles de Menezes; disse que este tumulo tem quatro metros de altura e que a sua collocação no Museu do Carmo pôde fazer-se, mas com algum dispendio, para que talvez não esteja habilitado o cofre da Associação. Viu tambem na Escola Polytechnica duas estatuas, e, num pateo d'esse estabelecimento, varias pedras de cantaria, que eram da egreja do Collegio dos Nobres, merecendo egualmente serem arrecadadas neste Museu.

O sr. Presidente pediu ao sr. Mena que fizesse uma especie de orçamento por estimativa, o qual podesse transformar-se numa base de memorial para se conseguir das instancias superiores que nos facultem a aquisição de todos aquelles monumentos de arte.

Estando sobre a mesa, já encadernado artisticamente na officina Ferin, o 2.º volume da obra «Diccionario documental e historico dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes» para ser offerecido ao seu illustrado auctor o nosso socio honorario sr. Dr. Sousa Viterbo, foram nomeados os srs. Rosendo Carvalheira e Adães Bermudes, socios architectos, para irem, em nome da nossa Associação, depôr esse volume nas mãos de S. Ex.^a, como tinham sido portadores do primeiro em 1901.

O sr. Presidente disse que em breve combinaria com o sr. Bermudes o cumprimento d'esta missão, que muito o lisonjeava.

Segundo a informação que monsenhor Alfredo Elviro dos Santos enviára ao secretario, não estando assignado ainda o parecer da Comissão especial ácerca da proposta relativa a pelourinhos, declarou o sr. Presidente que não podia discutir-se o assumpto na presente sessão, conforme desejava e instava o sr. Silva Leal, um dos 5 membros d'essa Commissão e auctor da proposta.

Encerrou-se a sessão ás 11 horas da noite.

O secretario

Eduardo A. da Rocha Dias.

ACTA N.º 12

Sessão de Assembléa geral em 4 de Dezembro de 1905.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.
Secretarios, Rocha Dias e o sr. J. Rodrigues Fernandes.

Abertura ás 8 $\frac{1}{2}$ horas da noite, achando-se presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs.:

J. V. Mendes Guerreiro, Monsenhor Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal, Monsenhor Conego J. M. Pereira Botto, Victor Maximiano Ribeiro, José Queiroz, José Alexandre Soares, Gabriel Pereira, Francisco Soares O'Sulivand, Antonio Cesar Mêna Junior, Dr. Arthur Lamas, A. R. Adães Bermudes, Jesuino Ganhado e Julio Augusto Ferreira.

Leu-se a acta da sessão antecedente.

Sobre uma proposta do sr. Carvalheira, que nessa sessão fôra approvada, para que uma comissão se incumbisse de estudar a fórmula de levar a effeito uma homenagem de character nacional e se era possível erigir-se no edificio do Carmo uma capella sagrada e consagrada, para guardar os restos do condestavel D. Nun^o Alvares Pereira, usou da palavra o sr. Rodrigues Fernandes, congratulando-se por ver que se pretendia secundar a iniciativa que a tal respeito fôra tomada pelo sr. Mimoso Ruiz na Associação dos Conductores de Obras Publicas.

Inscrevendo-se sobre o mesmo assumpto, Monsenhor Elviro dos Santos começou por declarar que sentia não ter podido assistir á ultima sessão: estima e considera muito o seu illustre consocio sr. Rosendo Carvalheira, mas não póde approvar a sua proposta, porquanto, se fosse levada a effeito, corria perigo a autonomia da Associação. Se se construísse uma capella dentro das ruinas da igreja do Carmo, ficaria debaixo da jurisdicção do Senhor Cardeal Patriarcha; teriamos dupla jurisdicção. Não cause estranheza que, sendo padre, venha combater a construcção d'uma capella; combate-a, porque a considera desnecessaria e prejudicial á Associação, a que tem a honra de pertencer. Preferia que a Associação trabalhasse para alcançar a cella, onde viveu o

grande Condestavel, hoje, segundo ouviu, convertida numa dependencia infima do quartel do Carmo; que a mandasse restaurar e nella guardasse tudo quanto podesse encontrar pertencente ao mesmo Condestavel. Consta-lhe que para jazigo d'esse glorioso portuguez vae a Ex.^{ma} Senhora Duqueza do Cadaval mandar construir uma capella.

Accresce que a Associação deve ser coherente. Em 24 de Maio de 1904 dirigiu ao governo de Sua Magestade uma representação assignada por muitos socios, inclusivè o sr. Rosendo Carvalheira, na qual pedia que se evitasse *toda e qualquer reconstrucção d'este edificio*. Não pôde agora sem desaire ir pedir ou proceder á construcção ou reconstrucção d'uma capella.

A proposta, de que trata, foi logo acceita, nomeando-se uma grande commissão para se occupar d'ella. Não approva tal procedimento, que considera illegal, por ser contrario ao Regulamento e ás praxes da Associação. Devia-se ter enviado essa proposta ás secções para darem o seu parecer: assim se tem procedido com propostas menos complexas: como, por exemplo, com a do illustre consocio sr. Sebastião da Silva Leal, relativa a pelourinhos, feita ha perto de um anno e ainda não approvada; e com a proposta d'elle, orador, ácerca da restauração da fachada da igreja da Conceição Velha, que passou pelas secções e só foi approvada mezes depois.

A lei deve ser igual para todos e importa não desconsiderar as secções.

O sr. Jesuino Ganhado disse que, logo que foi apresentada a proposta, que pela sua natureza especial não tinha de ser remettida ás secções, ponderára os inconvenientes que podiam della resultar e que, por isso, de accordo com o sr. Carvalheira, fôra nomeada a Commissão, onde as secções e o Conselho Facultativo estão representados; que a Commissão, em cuja consciencia devemos confiar, ainda não se rennira, e, portanto, não podia dizer-se que se procedeu precipitadamente ou se tomára alguma resolução que fosse prejudicial aos direitos da nossa Associação, cuja assembléa, em todo o caso, é soberana para a approvação ou rejeição de qualquer parecer.

Retorquiu Monsenhor Elviro dos Santos que, segundo affirmára toda a imprensa, a proposta fôra approvada; que não se tratava de consciencia, mas de lei; e que a assembléa, embora seja soberana, não pôde derogar os Estatutos e Regulamentos senão depois de ter procedido ás formalidades legais. Mantem a sua affirmativa: não approva

a proposta nem considera legal o procedimento para com ella havido.

Monsenhor conego Pereira Botto tambem julga perigoso para a independencia da Associação que se realise a idéa que se contém na proposta, quanto a erigir-se uma capella, porque, desde que esta se erigisse, ficaria todo o edificio do Carmo sob a jurisdicção do parcho da freguezia e do Eminentissimo Patriarcha.

O sr. Presidente entende que, no momento em que a Commissão tem sómente o mandato de estudar o assumpto, quaesquer observações que elle possa suggerir, devem reservar-se para quando essa commissão submeta o seu parecer á discussão da assembléa.

Posta á votacção, foi approvada a acta.

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Uma carta do sr. Dr. Sousa Viterbo, agradecendo a offerta do 2.º volume do «Diccionario dos Architectos», de que s. ex.^a é auctor, e que a Associação resolvera enviar-lhe, primorosamente encadernado, tendo sido nomeados para irem fazer a respectiva entrega os architectos srs. Rosendo Carvalheira e Adães Bermudes.

Justificaram as suas faltas á sessão os srs. Visconde da Torre da Murta, Dr. José Leite de Vasconcellos e Ernesto da Silva.

Agradecimento da Direcção da Academia de Estudos Livres pela licença que lhe foi concedida para visitar o Museu do Carmo no dia 15 de Agosto e pela recepção que lhe fez o meritissimo conservador sr. Gabriel Pereira.

Do sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto, conservador da Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto, recebeu-se uma serie de photographias dos aspectos da antiga installação do Museu, que passou da rua da Restauração para as novas dependencias d'aquella Bibliotheca.

Mandou-se agradecer.

Resposta do socio correspondente sr. Ernesto Korrodi, relativamente aos edificios de que tratava o officio do sr. Tito Larcher, lido na sessão anterior; lembrando, depois de varias apreciações, que em cada repartição districtal devia haver pelo menos um architecto encarregado da secção dos edificios e que pudesse accumular o cargo de delegado fiscal do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes.

Officio do sr. Dr. Eduardo Burnay, agradecendo o voto de louvor que o Conselho Facultativo lhe votou na sua ultima sessão pela iniciativa de restaurar-se o pelourinho da Villa da Ericeira, enterrado desde 1856.

Convite da Sociedade Litteraria Almeida Garrett para a presidencia d'esta Associação comparecer na cerimonia da collocação da primeira pedra do mausoleu onde devem depositar-se os restos mortaes de Almeida Garrett, realisando-se a mesma cerimonia no dia 9 do corrente ás duas horas da tarde na Capella chamada do Cardeal-Rei, da egreja dos Jeronymos.—Foi acceito.

Deliberou-se subscrever para o Congresso internacional d'anthropologia e de archeologia prehistorica que em 1906 ha de celebrar-se em Monaco.

Leu-se na mesa e entrou em discussão o seguinte parecer:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.—A commissão, eleita na sessão da assembléa geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 8 de maio ultimo para formular um parecer definitivo ácerca da proposta do illustre consocio Sebastião da Silva Leal relativa a—pelourinhos—, tem a honra de participar a V. Ex.^a que o seu parecer é o seguinte:

- 1.º Que seja approvada e louvada tal proposta.
- 2.º Que se represente ao Governo de Sua Magestade ácerca da conveniência da conservação e restauração dos pelourinhos, e que pelos Ministerios do Reino e Obras Publicas se tomem providencias em virtude das quaes os pelourinhos sejam considerados monumentos nacionaes, fiquem debaixo da alçada do mesmo governo por intermedio dos administradores dos concelhos, e sob a vigilancia do Conselho dos Monumentos Nacionaes.
- 3.º Que as camaras municipaes sejam obrigadas a lançar todos os annos nos seus orçamentos uma verba para a conservação e restauração dos pelourinhos e d'outros monumentos municipaes.
- 4.º Que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes dê parte a todas as Camaras Municipaes da sua representação ao governo ácerca dos pelourinhos, e que se aproveite a occasião para pedir uma noticia minuciosa de todos os monumentos e objectos dignos de menção, que existirem nos seus territorios.
- 5.º Que se officie desde já ás camaras municipaes de Lanhoso e Louzada, chamando a sua attenção para os seus pelourinhos, que ameaçam immediata ruina, e se peçam as indispensaveis obras.

6.º Que na acta da sessão da assembléa geral, em que for presente este parecer, se lavre um voto de agradecimento e louvor á Camara Municipal de Barcellos por ter procedido á reconstrucção do seu pelourinho e que votos eguaes de agradecimento e louvor sejam conferidos aos ex.^{mos} senhores Doutores Antonio Ferraz e Vieira Ramos, o primeiro pelas investigações, a que procedeu, e pela direcção das obras de reconstituição do historico monumento, o segundo pela iniciativa tomada com referencia á reconstituição referida, e que de taes votos se dê participação official aos referidos cavalheiros, á municipalidade de Barcellos, e se dê noticia na imprensa da capital.

7.º Por ultimo, aproveitando a occasião, lembra a necessidade das juntas de Parochia serem obrigadas a lançar todos os annos no seu orçamento uma verba para a conservação e restauração dos cruzeiros e outros monumentos a cargo das mesmas juntas.

Deus guarde a V. Ex.^a Lisboa. Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 10 de Novembro de 1905.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, Dig.^{mo} Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

(a. a.) *João Verissimo Mendes Guerreiro*
Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos
José Joaquim d'Ascensão Valdez
José Alexandre Soares
Sebastião da Silva Leal, com declarações.

Explicou o sr. Silva Leal que assignára com declarações o Parecer, pelo facto de dizer-se na 1.^a conclusão que a sua proposta fosse louvada; era neste ponto que não estava d'accordo: de resto approvava o Parecer muitissimo bem feito por Monsenhor Elviro dos Santos.

Foram approvadas as conclusões 1.^a e 2.^a.

Conclusão 3.^a.

O sr. Bermudes não póde concordar em que se proponha que as Camaras Municipaes sejam obrigadas a inscrever nos seus orçamentos, já muito sobrecarregados com despezas multiplas, mais uma verba para conservação de pelourinhos e outros monumentos; e nota que, pedindo-

se na conclusão 2.^a, que se considerem monumentos nacionaes os pelourinhos, não é ás camaras, mas ao governo que incumbem as despesas da sua conservação. Propunha, pois, que se modificasse a redacção da conclusão e se dissesse que, no caso de não serem os pelourinhos considerados monumentos nacionaes, a Associação formava votos para que as Camaras adquirissem meios de conserval-os.

Feitas algumas reflexões pelos srs. Elviro dos Santos, relator, e Mendes Guerreiro, foi approvada a conclusão 3.^a redigida da seguinte fórma:

«3.^o Que as Camaras Municipaes cuidem da conservação e restauração dos pelourinhos e d'outros monumentos municipaes».

Passou-se á conclusão 4.^a.

O sr. Bermudes entende que temos necessidade absoluta, inadiavel, de fazer o arrolamento de todas as cousas interessantes que em Portugal existem e que é preciso salvaguardar; todos os elementos de informação se tornam uteis; mas parece-lhe conveniente dirigir ás camaras municipaes um questionario a que possam responder com facilidade, até as camaras sertanejas, ou pedindo-lhes noticia dos principaes monumentos ou especificando quanto possivel os objectos e monumentos de que se pretende obtel-a.

O sr. Silva Leal, como auctor da proposta e membro da Comissão, está de accordo com as indicações do sr. Bermudes.

O sr. Mendes Guerreiro, como presidente da Commissão, julga preferivel deixar ás Camaras Municipaes ampla faculdade de responderem como lhes convier, pelas circumstancias peculiares a certas regiões, onde pódem existir objectos interessantes, de que, longe d'ellas, não ha conhecimento.

Em todo o caso não acha inconveniente em que se substitua a palavra *todos* por *principaes*.

Monsenhor Elviro dos Santos considera que as camaras do paiz não se encontram em estado tão rude que ignorem o que é um monumento.

Pedir muitos esclarecimentos não significava ter a certeza de que vinham todos, mas apenas uma aspiração a que viesse o maior numero possivel.

Foi approvada a conclusão 4.^a.

Conclusão 5.^a.

Monsenhor conego Botto, sobre a fórma de levar á execução esta

parte do Parecer, receia que possa alguém suppor que é nosso intuito usurpar direitos do Conselho Superior dos Monumentos.

O sr. Rodrigues Fernandes pondera que, desde o momento em que essa corporação não se interessa no assumpto, a Associação cumpre o seu dever, fazendo os pedidos de que se trata.

O sr. Gabriel Pereira observa que o Conselho dos Monumentos tambem se tem interessado pelos pelourinhos, mas a Associação está no direito de pedir, porque é independente e tem os seus Estatutos approvados.

Monsenhor conego Botto deu-se por satisfeito com esta explicação.

Approvou-se a conclusão 5.^a

Não se votou a conclusão 6.^a, porque a sua materia fôra approvada pela assembléa geral em sessão de 13 de julho ultimo.

Foi approvada a conclusão 7.^a, ficando assim redigida depois de breves palavras do sr. Bermudes, com que a commissão concordou:

«7.º Por ultimo, aproveitando a occasião, lembra a necessidade das juntas de parochia cuidarem da conservação e restauração dos cruzeiros e outros monumentos a cargo das mesmas juntas».

O sr. Silva Leal agradeceu a approvação do parecer com as modificações que foram julgadas razoaveis, applaudindo-se da iniciativa da sua proposta em que não tem outro fito senão engrandecer o nome d'esta Associação; e propoz que alguns dos membros da commissão se encarregassem de redigir o officio ao governo e a circular ás camaras municipaes.

Assim se resolveu, com o accordo da Mesa.

O sr. Ména Junior disse que o sr. engenheiro Garcez Teixeira o informára de que o pelourinho da villa de Alcanede, perto de Santarem, o qual é formado por uma columna manuelina, estava servindo de pedestal a uma estatua de D. Affonso Henriques, feita de barro, tendo na mão uma espada de pau.

O sr. conselheiro monsenhor conego Bottó disse que em tempos conseguira salvar da destruição o pelourinho de Alhandra, que não é um monumento artistico, mas importante para a historia da jurisdicção municipal e da penalidade local e está armado n'uma quinta que foi sua, actualmente de seus irmãos. Se a Camara de Villa Franca resolver erigil-o em lugar publico, immediatamente lhe será cedido.

Congratula-se por ter sido eleito membro da Sociedade Archeolo-

gica de Tarragona o nosso consocio sr. Silva Leal e pede que esta sua congratulação seja mencionada na acta.

O sr. Bermudes propõe que se officie á Camara Municipal de Villa Franca, pedindo-lhe que reconstrua todos os pelourinhos do seu concelho e informando-a de que o pelourinho de Alhandra será posto á disposição d'aquella municipalidade pelos irmãos de monsenhor Botto, se assim o quizer.—Foi approvedo.

O sr. Silva Leal agradeceu as felicitações que monsenhor Botto lhe dirigiu e disse que o desenho do pelourinho, de que se trata, já foi publicado no jornal *A nossa patria*; o de Povos ameaça ruina completa e do de Villa Franca existe no caes uma parte da columna.

O secretario Rocha Dias apresentou em nome do Conselho a seguinte proposta:

«Senhores:—Na sessão de 4 de Maio de 1901 propunha o distincto socio effectivo sr. Augusto Ribeiro que a Associação conferisse uma medalha de prata ao socio honorario sr. dr. Sousa Viterbo e na mesma occasião deliberava-se que a entrega d'essa medalha fosse feita na primeira sessão solemne que tivéssemos.

Desde então até hoje nenhuma se realizou, porque tal sessão está dependente dos illustres socios encarregados da commemoração dos serviços dos fallecidos presidente e vice-presidente, Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa, cujos retratos foram já concluidos pelo nosso socio benemerito o sr. Antonio Felix da Costa com aquelle primor que sabe dar a todos os seus trabalhos.

Depois d'esta explicação justificativa da demora no cumprimento de um imperioso dever para com o muito erudito archeologo sr. dr. Viterbo, entende o Conselho que a todos vós será grato votar uma nova homenagem de alto apreço pela continuação dos seus conscienciosos e esmerados escriptos, alguns dos quaes, como a descripção dos *Cruzeiros*, vem honrando brillantemente as paginas do nosso *Boletim*. E'ahi que vemos plenissima comprovação das nossas affirmações, que não representam um elogio banal e ephemero. E' na sua fulgurante penna que encontrámos sempre um devotado propugnador em prol dos interesses da nossa Associação. Considerâmol-o de ha muito um *socio benemerito*. Não lhe concedemos até agora este diploma. Propõe o Conselho que lhe seja concedido na sessão de hoje.»

Foi approveda por aclamação, conforme propoz o sr. Bermudes,

que julga merecidas todas as homenagens ao nosso querido e illustre consocio sr. dr. Viterbo.

Sem discussão foram approvadas as seguintes propostas:

1.^a De Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, para se representar ao Governo de Sua Magestade a fim de serem concluidas as obras da Basilica do Sagrado Coração de Jesus, vulgò Estrella, e as de S. Vicente de Fóra.

2.^a Do sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, para se reclamar officialmente contra a projectada demolição das muralhas do castello de Braga.

O sr. Gabriel Pereira concordou com esta proposta.

O sr. Mêna Junior apresentou uma proposta assim concebida:

«Proponho que se peça ao sr. Presidente da Camara Municipal de Lisboa que mande retirar as duas chapas de ferro esmaltado do arco da Rua Augusta, que alli foram collocadas ha pouco».

Depois de breves observações do sr. Mendes Guerreiro, disse o sr. Presidente que, em vez de officiar-se á Camara, fallaria particularmente a este respeito com o sr. Conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco.

O sr. Mêna Junior mandou para a mesa o orçamento da despeza a fazer com a remoção do tumulo de Fernão Telles de Menezes, que está em um barracão nos terrenos annexos á Escola Polytechnica e com os trabalhos de o erigir no Museu do Carmo.

O sr. Bermudes propoz que se pedisse ao Ministerio das Obras Publicas o abono da despeza total, por isso que Associação não póde fazel-a sem grande sacrificio.

O secretario leu a acta da sessão anterior no ponto em que se vê que fôra já resolvido proceder d'esse modo.

O sr. Rodrigues Fernandes fez tres propostas:

1.^a Para se pedir ao Governò que seja considerado vogal nato da Commissão dos monumentos nacionaes o Presidente d'esta Real Associação.

Ficou para se discutir na sessão seguinte.

2.^a «Attendendo aos poucos recursos de que dispõe esta util collectividade que por falta delles deixa muitas vezes de prestar importantes -serviços á sciencia e de enriquecer o seu museu por ser absor-

vida com a publicação do *Boletim* quasi toda a receita de que dispõe; proponho para que seja nomeada uma commissão que vá pedir a S. Ex.^{as} os srs. Presidente do Conselho e Ministro do Reino para que o Boletim de janeiro em diante passe a ser impresso gratuitamente na Imprensa Nacional.

O socio effectivo

J. Rodrigues Fernandes.»

A assembléa ouviu com muito prazer e agradecimento a declaração feita pelo sr. Presidente de que talvez podesse conseguir do respectivo Ministro a impressão gratuita do *Boletim* em qualquer outro estabelecimento do Estado e com esta modificação approvou a proposta.

3.^a «Attendendo, aos relevantes serviços que esta Real Associação presta ao paiz e sendo a sua correspondencia bastante numerosa:

Proponho que, a exemplo do que se tem feito a outras Associações que não prestam maiores serviços á causa publica e á sciencia, se represente ao sr. Ministro das Obras Publicas, para que a correspondencia d'esta collectividade seja considerada official.

J. Rodrigues Fernandes.»

Approvada sem discussão.

O sr. Silva Leal justificou a seguinte proposta, que foi approvada:

«Ainda em harmonia com os considerandos da proposta que apresentei na assembléa geral de 13 de julho do corrente anno d'esta douta agremiação, relativamente ao pelourinho da villa de Barcellos, considerandos que não me parece preciso reproduzir, por serem doutrina que está, por certo, no animo de todos os nossos collegas e consocios, tenho a honra de propor que na acta da sessão de hoje fiquem exarados os seguintes votos de sincero louvor e reconhecimento:

1.^o Ao sr. dr. Eduardo Burnay, presidente da camara municipal de Mafra, pela sua briosa iniciativa em mandar desenterrar e restaurar o historico pelourinho da Ericeira.

2.^o A' camara municipal de Setubal por ter mandado restaurar e resguardar o pelourinho da mesma cidade;

3.º Ao sr. F. Lopes Pereira, de Azeitão, por ter tomado a iniciativa de mandar concertar o capitel do pelourinho da referida villa de Azeitão.

Mais proponho que a cada uma das entidades a que deixo feita referencia, seja enviada participação official dos votos.»

O mesmo sr. Silva Leal, referindo-se a varios actos de vandalismo, taes como o projecto de demolir as muralhas do castello de Braga, o completo desprezo a que, segundo se diz no *Diario* de 12 de novembro ultimo, foram votadas pela camara d'aquella cidade 14 cruces de pedra com inscrições bem lavradas que estiveram no adro da egreja de N. S.^a a Branca, e o abandono em que se encontram no campo das Carvalheiras o pelourinho do municipio e outros monumentos archeologicos, mandou para a mesa uma proposta nestes termos:

«Em harmonia com as disposições do nosso estatuto e regulamento proponho que, com o fim de evitar a continuação dos vandalismos que em materia de archeologia se tem praticado em Braga (e visto que a nossa sociedade ali possui nada menos de doze socios correspondentes), seja nomeada a delegação a que se refere o artigo 30 do regulamento, para cuja observancia deve ser reclamada officialmente a attenção de tão distinctos consocios nossos.»

Foi enviada ao conselho facultativo para lhe dar execução.

O secretario Rocha Dias offereceu, em nome do auctor, sr. Joaquim Guilherme da Costa Caldas, um exemplar do livro *O Conde de Ficalho*, elogio destinado a ser lido na sessão solemne de 6 de junho de 1904 para inauguração e entrega á Camara Municipal de Serpa da Bibliotheca Publica «Corrêa da Serra.»

Votou-se o devido agradecimento.

O sr. Presidente propoz que se consignasse na acta um voto de sentimento pela morte do socio effectivo sr. general Augusto Bon de Sousa.

Foi approvedo.

Leu-se na mesa o parecer das secções reunidas de Architectura e Archeologia ácerca da reclamação feita a esta Associação pelo redactor do jornal *Leiria illustrada*, o sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, contra os attentados de que estão sendo victimas alguns monumentos.

O sr. Bermudes considera a egreja matriz da Batalha, a que este officio se refere, como o mais bello exemplar de architectura manuelina que existe no paiz; e se por acaso aquella egreja ainda não está

classificada monumento nacional, de nada servirá officiar ao Conselho Superior dos Monumentos, como propõem no seu parecer as duas secções, porque, segundo os respectivos Estatutos, o Conselho Superior só poderá tomar providencias a respeito dos monumentos classificados. Se a igreja matriz da Batalha ainda não teve tal classificação, pediria que se officiasse ao governador civil de Leiria para que fizesse parar os trabalhos a que se está ali procedendo e recomeçal-os depois de observadas todas as indicações que se julgarem convenientes sob o ponto de vista artistico.

O sr. Gabriel Pereira é de opinião que o officio seja enviado ao Conselho Superior dos Monumentos.

Monsenhor Elviro dos Santos disse que estava d'accordo com o alvitre do sr. Bermudes e mandou para a mesa uma proposta a fim de ser admittido a socio correspondente o sr. Tito Larcher.

Foi enviada ao Conselho Facultativo.

Approvou-se o Parecer das duas secções, que propunham fosse remetido ao Conselho dos Monumentos nacionaes o officio do sr. Tito Larcher.

O sr. Dr. Arthur Lamas propoz um voto de louvor ao sr. conservador do Museu, Gabriel Pereira, pela maneira distincta por que se desempenhou da commissão que lhe foi incumbida, de receber a visita da Academia de Estudos Livres.

Foi approvedo unanimemente.

O sr. Gabriel Pereira agradeceu esta votação e mandou para a mesa dois opusculos de que é auctor—*S. Domingos de Bemfica e A villa da Ericceira*.

Pelo sr. Arthur Lamas foram offerecidas as suas recentes publicações intituladas «O desacato da igreja de Santa Engracia e as insignias dos Escravos do Santissimo Sacramento»; «Medalhas de salvação portuguezas existentes na collecção organizada por José Lamas.»

Consignaram-se agradecimentos por todas estas offertas.

Procedeu-se á eleição dos cargos para o anno de 1906, tendo-se interrompido previamente a sessão para se formularem as listas.

Feita a chamada, e concluida a votação, verificou-se haverem entrado na urna quinze listas.

Ficaram eleitos:

Mesa da assembléa geral: Presidente—Conselheiro Augusto José da Cunha—14 votos.

Vice-presidente—(architectura)—Rosendo G. d'Araujo Carvalheira—15 votos.

Vice-presidencia—(archeologia)—conselheiro mosenhor conego Joaquim Maria Pereira Botto—14 votos.

Secretario—(architectura)—Francisco Carlos Parente—15 votos.

Seeretario—(archeologia)—Eduardo Augusto da Rocha Dias—14 votos.

Vice-secretariós—João Rodrigues Fernandes e Victor Maximiano Ribeiro—14 votos cada um.

Thesoureiro—Ernesto da Silva—15 votos.

Conservador da Bibliotheca—Visconde da Torre da Murta—15 votos.

Conservadores do Museu—Gabriel Pereira e José Joaquim d'Ascensão Valdez—15 votos cada um.

Adjuntos—Antonio Cesar Mena Junior e Jesuino Arthur Ganha-do—14 votos cada um.

Proclamados os nomes dos eleitos, foi pelo sr. Presidente encerrada a sessão.

Eram 11 horas da noite.

O secretario

Eduardo A. da Rocha Dias.

APPENSO A ACTA N.º 12

Carta do Dr. Sousa Viterbo ao Presidente da Real Associação
dos Architectos e Archeologos.

Lisboa, 18 de agosto de 1905.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

Por intermedio dos nossos illustres consocios, os srs. Adães Bermudes e Rosendo Carvalheira, que gentilmente se prestaram ao desempenho de tão amavel missão, recebi ante hontem o 2.º volume do meu *Diccionario dos Architectos*, que a benemerita corporação, de que V. Ex.^a é digno presidente, resolveu mandar primorosamente encadernar para me fazer uma offerta, que por todos os modos me lisonjeia e me captiva. As numerosas e successivas provas de consideração e de estima que me tem consagrado a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, não as devo tomar eu á conta de recompensa ao meu insignificante trabalho, mas sim como um acto de maternal generosidade e affecto, com o fim unico, devéras commovente, de me proporcionar algum lenitivo aos soffrimentos occasionados pela minha tão longa e irreductivel doença.

Rogo, portanto, a V. Ex.^a a especial fineza de acceitar o mais sincero testemunho do meu reconhecimento e gratidão, transmittindo-o a todos os membros do douto gremio, cujos trabalhos V. Ex.^a tão illustradamente dirige, e particularmente áquelles dois distinctos architectos, que na sua visita e nas carinhosas palavras que me dirigiram, tanto alvorçaram o meu coração e satisfizeram o meu espirito.

De V. Ex.^a *creado, collega obscuro, am.^o e adm.^o sincero*Sousa Viterbo.*

AZULEJOS

(Continuado do n.º 6)

C'était d'après ces réglemens, ou lois particulières, que l'on gérait les corporations d'arts et de métiers.

Les législateurs avaient eu soin de prévoir les cas où la bonne foi publique aurait pu être trompée, d'établir des peines pour la répression des abus, de fixer le salaire des ouvriers et le prix des objets fabriqués.

Promulgués à différentes époques, ces réglemens furent revus et compilés par notre digne jurisconsulte et chroniqueur Duarte Nunes de Leão. On a négligé de marquer l'époque de la promulgation de ces ordonnances; mais comme elles ont été recueillies par Leão, elles ne peuvent pas être moins anciennes que lui, et il vivait en 1572.

Parmi ces ordonnances, liv. 1^{re}, chap. 43, se trouve celle relative aux faïenciers.

Je l'ai examinée dans l'espoir d'y découvrir quelques éclaircissemens sur les *axulejos*. Elle commence, de même que les autres, par la nomination des juges inspecteurs à laquelle on procédait le premier jour de chaque année.

Ces juges étaient chargés de l'examen des objets fabriqués. Jamais ils ne pouvaient exercer leur office à l'égard de leurs parens, de leurs beaux frères ou domestiques.

Ils devaient veiller à ce que le public ne fût pas trompé, cas pour lequel on prenait d'utiles mesures en établissant des peines contre la fraude. Ils devaient visiter les marchandises avant qu'elles fussent mises en vente, et faire de fréquentes inspections chez les marchands.

Dans ces ordonnances se trouvent décrits les devoirs de chaque ouvrier dans les différentes branches du métier de faïencier, potier et fabricant de tuiles, ainsi que les dimensions et la qualité des tuiles et des *axulejos*. Il était prescrit de se conformer toujours aux modèles conservés à la municipalité. Ces ordonnances renferment encore différentes autres dispositions relatives au même art.

Il ne se rencontre rien dans ces réglemens qui puisse servir d'é-

claircissement relativement à l'histoire des *axulejos*; cependant, au commencement du livre, se trouve une pétition des plâtriers de Lisbonne, qui disent qu'anciennement les maçons étaient plâtriers; mais qu'il y avait près de trente plâtriers qui ne faisaient que plâtrer et poser les *axulejos*, et qui apprenaient leur métier séparément, tandis que les maçons ne se occupent point de plâtrage ni de carrelage, et qu'il était injuste qu'on les examinât sur la maçonnerie quand ils ne s'en occupaient pas du tout.

Ils demandaient, en conséquence, à être distingués des maçons.

D'après cette pétition, il est constant qu' à cette époque, l'usage des *axulejos* était déjà connu depuis quelque temps.

Communication de M. Rivara, janvier 1845:

Les azulejos à Evora

Evora, aussi bien que tout le reste du Portugal, possède beaucoup d'*azulejos* anciens et modernes. Je ne saurais déterminer l'époque où ils furent introduits chez nous. Les plus anciens sont en forme d'échiquier. Plus tard vinrent ceux qui représentent des branches et des fleurs. Vers la fin du XVII^e siècle, et le commencement du XVIII^e, les *azulejos* représentèrent des arabesques. Tels sont ceux qu'on voit dans l'église de Saint-Mamede, à Evora. Les *azulejos* du couvent dos *Loios*, ou du collège de Saint-Jean l'Évangéliste, présentent des sujets historiques avec des figures dans de grandes dimensions. Ils sont l'ouvrage d'Antoine d'Oliveira, et ont été faits en 1711, ainsi que cela se voit au collège des Jésuites.

On y trouve inscrite la date des années 1746 et 1747. Ils représentent des figures et des paysages.

Da *Arte Portuguesa*, revista dirigida por Gabriel Pereira, pag. 24 (1895):

«Foi uma grande invenção, esta dos *azulejos*!

O brilho, a graça d'esses quadrados captivou os artistas, e diferentes povos os adoptaram, bem diversas escolas lhes applicaram os seus estylos. Vieram do Oriente ter a Portugal, e, aqui, o *axulejo* reproduziu-se de mil maneiras, irradiou, transformou-se, soffreu todas as evoluções e influencias artisticas. O *axulejo* entrou nos templos, nos palacios, nas casas humildes; com elle se fez a simples cercadura, o singelo xadrez; e artistas eminentes pintaram em *axulejo* vastas composições. Por isto, uma collecção d'esses quadros offerece mui variados typos de decoraçào.

Não é numerosa a collecção existente no Museu do Carmo ⁽¹⁾, por exemplo; é todavia sufficiente para reconhecer diferentes classes ou typos.

Os *axulejos* em relevo, usados ainda no seculo XVI, com as suas laçarias, figuras geometricas ou vegetaes, em quadro, em oitavado ou em circulos, são os *axulejos* mouriscos, que se fabricaram muito em Hespanha, principalmente em Granada e Sevilha, assim como o azulejo liso, branco e verde, de bellos esmaltes que ainda hoje permanecem inalteraveis em muitos edificios do paiz.

Os *axulejos* lisos, de folhagens em azul sobre fundo amarello, parecem ter origem italiana; fabricaram-se ainda no seculo XVI em Sevilha e Talavera, e d'ahi entraram em Portugal. Ha finissimos azulejos d'esta especie em Portugal, assignados por artista portuguez; os da igreja de S. Roque, aqui em Lisboa, por exemplo. Na pequena collecção do Carmo, ha uns finissimos *axulejos* d'esta escola, em que pequenas figuras humanas apparecem delicadamente coloridas.

Os *axulejos* hollandezes, de pintura azul sobre fundo branco, apresentando pequenos medalhões com paisagens e figuras, ou de côr violacea ou roxa sobre fundo da mesma côr, esvahida, tambem hollandezes, encontram-se não raro em Portugal.

No seculo XVIII, dominou definitivamente o desenho azul sobre fundo branco e executaram-se então vastissimas composições.

Em Lisboa, Evora e Coimbra, ha *axulejos* variados por toda a parte. A quinta da Bacalhoa em Azeitão, ou a quinta do sr. Marquez de Fronteira em S. Domingos de Bemfica, mostram dezenas de typos

(1) Actualmente, 1906, acha-se muito augmentada.

de azulejos. Pouco a pouco, iremos publicando algumas gravuras dos exemplares mais artisticos e decorativos».

O Paço de Cintra—Desenhos de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Amelia—Apontamentos, historicos e archeologicos do sr. Conde de Sabugosa—Collaboração artistica de E. Casanova e R. Lino. Lisboa, 1903:

«De entre todas as manifestações da ceramica portugueza, a mais bella, mais caracteristica, e mais variada é sem duvida o *azulejo*.

Um estrangeiro disse já, com rasão, que elle imprime physionomia a Portugal.

E de facto, ou seja a riquissima e variada collecção da Bacalhôa, ou a curiosa e abundante ornamentação da vivenda dos marquezes de Fronteira em Bemfica, seja o pittoresco santo sobre os antigos moinhos saloios, ou os bellos revestimentos das egrejas e sacristias, seja o alegrete da horta lisboeta, ou o silhar da casa de espera nobre, sejam as polychromicas preciosidades de Penha Verde e Villa Viçosa, ou as tarjas azulejadas dos portaes do Duque de Aveiro em Azeitão, sejam os bellos paineis do Convento de Espinheiro em Evora, ou os da renascença da Ermida de Santo Amaro em Alcantara, o *azulejo* é uma das maiores riquezas artisticas de Portugal, o ornato mais bello da architectura monumental, e o mais pittoresco na decoração das habitações particulares. É documento para historia da arte, e registo de feitos gloriosos. Na egreja do Convento de Sant'Anna, mandado collocar por D. Gonçalo Coutinho, um trophéo de azulejos marcava o logar da sepultura de Camões, o principe dos poetas; e na estrada publica sobre o gazophylaceo, onde numa fogueira ardem anonymas almas do purgatorio, os azulejos pedem ao caminhante despreoccupado um Padre Nosso e uma Ave Maria.

São pendões de glorias guerreiras, como os dos Mascarenhas em Bemfica, e da historia religiosa como os de Santo Antonio dos Capuchos, ou os da Madre de Deus; são recordações de caçadas ao javali, de merendas nobres nos jardins alinhados, de idyllios campestres e de aventuras amorosas da Côte. São até documento curioso para a historia dos jogos herculeos e de dextreza no Portugal do seculo XVIII, como os de uma casa do Bairro Alto, onde em cada alegrete se desenha uma partida de jogo ao ar livre.

O azulejo é uma expressão da alma portugueza.

Veu-nos do Oriente. Os persas de quem os arabes aproveitaram a technica do fabrico e colorido d'esta especie de ceramica, copiavam a natureza, a vegetação luxuriante, os animaes vivos (¹).

Os arabes, tendo de obedecer aos preceitos do alcorão, que lhes prohibiam a representação da natureza organica, lançaram mão dos recursos que a phantasia lhes ministrou no campo da geometria, e com engenhosas composições, criaram os variadissimos ornatos a que chamamos *arabescos*, e applicaram esse desenho ao azulejo.

A palavra portugueza *azulejo* deriva-se do arabe *axxalujo*, palavra que provém de *xallaja* que significa *unido e liso*, e não da palavra *axul* como alguns teem dito sem fundamento (²).

No seu principio, na peninsula, os azulejos eram lisos, monochromos, ou representavam arabescos.

São d'esta ultima classe os de desenhos geometricos que se vêem no Palacio de Cintra.

O estudo dos azulejos d'este Palacio merecia uma competencia especial, e seria para desejar que se pudesse dar completa a reprodução em côres dos seus variadissimos typos, desde o arabe genuino que circumda a porta da Sala das Sereias ou da Galé, até aos modernos quadros, com que foram revestidas a parede da Sala dos Braços e a casa do banho. Como, porém, não é possivel dar a côres a

(¹) O professor de arabe em Granada, D. Francisco Simonet, tenta demonstrar que o azulejo é de origem hispano-hysantina, e pretende que a transplantação do fabrico de azulejo e dos nossos *embrechados* tenha vindo do Oriente para Hespanha, independentemente do elemento arabe.—*Influencia del elemento indigena sobre la cultura de los moros de Granada*.—1894, cit. por Rasteiro—*Quinta e Palacio da Bacalhôa*.

(²) Communicação do Visconde de Juromenha a Raczynsky—*Les Arts en Portugal*, pag. 428. Sobre a origem diz ainda o professor Simonet: "De origen hispano-hysantina son de nuestro entender en el nombre y en la realidad, los azulejos, o mosaicos de piedras menudas y de piezas de barro cozidas y esmaltadas que con tanta profusion y belleza adornaban los edificios arabigo-españoles à diferencia de los orientales, pues aunque el vocabulo azulejo no viene del adjectivo azul como algunos han imaginado sino del arabigo-hispano *azzulaich* ó *azulaich*, este a su vez es corrupción del latino-greco *azarotum*, ó mas bien del bajo-latino *azaroticus* applicado por un celebre escritor francéz del siglo V à las piedracitas de los mosaicos ó azulejos *azaroticus-lapilus*".

collecção completa dos azulejos do Palacio, o que avolumaria demasiadamente este livro, apresentamos coloridos alguns dos mais bellos specimens, resignando-nos a reproduzir pela gravura simples os outros typos. Deixamos ao senso artistico do leitor o trabalho de colorir com a imaginação essa riquissima collecção.

«O Palacio de Cintra, diz o sr. Joaquim de Vasconcellos, é um verdadeiro museu de azulejos de alto relevo dos mais raros e mais antigos que possuímos (¹).»

E de facto, se não ha aqui nem a variedade dos azulejos do seculo XVI, que encontrámos na Bacalhôa e em Bemfica; se não ha os azulejos datados, que são tidos em tanto apreço pelos amadores, como os do Palacio dos Condes da Ponte e outros; se não ha os assignados como os da Capella de S. Roque (a terceira do lado da epistola) da Misericordia de Lisboa, onde se vêem os trabalhos do notavel ceramista Francisco de Mattos de 1584, o mesmo que trabalhou para a Bacalhôa em 1565; é comtudo enorme e mais apreciada a riqueza de azulejos antigos neste Palacio de Cintra. A profusão dos polychromos é tão grande que El-Rei D. Fernando, tentando fazer uma exposição no seu Palacio da Pena, forrou todo o claustro. E embora haja ali bastantes dos typos de relevo, faltam ainda muitos dos que revestem algumas paredes do Paço.

Os mais antigos, como já dissemos, são os que rodeiam a pequena porta da Sala da Galé ou das Sereias, genuinamente arabes.

Nesta sala vêem-se, além d'estes, outros mais modernos com relevo. São tambem arabes os do tapete da capella.

Os do pateo central onde existe o repuxo, e para onde deita a casa do banho, são tambem de desenho arabe igual no typo a alguns, que se encontram na Andaluzia (²).

A côr é verde. As dimensões maiores do que as dos outros azulejos do Palacio. Estes são provavelmente do seculo XV, se não mais antigos. Ha muitos documentos que nos provam que nos seculos XIV e XV oleiros e ladrilhadores eram mouros (³).

(¹) Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica Portuguesa*, série II, pag. 21.

(²) O sr. Roseira, com fabrica em Santa Apollonia, copiou este mesmo desenho em Granada, e introduziu-o no mercado.

(³) Nos *Estudos Eborenses* diz o sr. Gabriel Pereira: "Não são raros os

Os da Sala dos Arabes, posto que não sejam da epocha que lhes attribuem, são tambem dos mais antigos do Palacio.

O revestimento é de losangos *brancos, axues e verdes*, enxaquetados.

A guarnição é de maçarocas ou flores de liz, motivo que se repete em outras salas do Paço, variando, porém, a côr das maçarocas e das folhas.

Repetem-se tambem em varias salas os azulejos com a folha de parra, em relevo. Quem passar desprevenido julga todos os d'este typo iguaes entre si. Reparando attentamente, porém, vê-se que variam de sala para sala, havendo nuns só uma folha, noutros esta com um cacho de uvas, etc.

Os azulejos que se vêem em muitas salas do Palacio, taes como a das Pegas, a da Sereia ou Galé, a da Sala de Jantar, a que está anexa, etc., posto que nas côres e desenhos tenham uma certa semelhança, variam tambem muito entre si.

Conteem elles de tres a cinco côres.

Os desenhos são formados por um só azulejo ou por quatro, ou por séries de quatro.

Ha azulejos d'este typo com uma só côr, geralmente amarellada (!). São raros, como já dissemos atraz, os *azulejos de pavimento*.

Pois neste Paço ha d'elles um curioso specimen, que além da sua triste tradição historica é uma verdadeira preciosidade de ceramica.

azulejos de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos; em S. Braz, no Espinheiro, etc., ha muitos exemplares em construcção dos fins do seculo XV ou começo do XVI. Aparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, iguaes aos mais antigos da Sé Velha de Coimbra, *aos do Paço Real de Cintra*. Seriam fabricados em Evora? Seriam importados de Granada? Não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc., que nos provam que nos seculos XIV e XV oleiros e ladrilhadores eram mouros".

(!) "Esta côr amarellada é como a dos actuaes ladrilhos belgas, e como estes formando pequenos quadrados. Bons exemplos d'este typo existem no Palacio de Cintra. Dos azulejos arabes os mais raros são os que conteem a esphera armillar num só azulejo, e bem assim os que representam dois guerreiros de côr acastanhada sobre fundo branco. Os de desenho em laçarias alicatadas e os rosaceos, principalmente quando o centro da flôr é verde, especialidade da fabrica de Triana, tambem são bastante procurados. *São muitissimo raros os azulejos arabes que eram applicados a pavimentos*". (Liberato Telles, *Pavimentos*, pag. 233).

Referimo-nos aos azulejos que se vêem na Sala de D. Affonso VI e que se encontram junto á parede gastos pelos passos do infeliz Rei.

De pavimento são tambem, como já dissemos, os que formam o tapete da capella, e ainda em alguns corredores o gracioso mosaico de tijolo e quadrados de azulejo que se encontra tambem em Azeitão, no Palacio do Duque de Aveiro, e na Bacalhôa.

Resta-nos ainda fallar dos azulejos monochromos lisos que se encontram no Paço de Cintra.

São elles quasi todos do tempo de El-Rei D. Manuel, em xadrez branco e verde, como os da Sala dos Cysnes.

Alem dos quadrados que revestem as paredes d'esta Sala até grande altura, ha as pequenas fachas e os fragmentos triangulares ou de outra fórma, que servem para desenhar a guarnição superior da precinta e sobrepostas.

São estes desenhos, alem das ameias mouriscas que se repetem em muitos muros do Palacio, torres com as suas pimenteiras iguaes ás da Torre de Belem, etc., etc.

Este remate nas precintas de azulejo é de um bello effeito.

Tambem são rematados de graciosos desenhos os de epochas mais antigas.

O revestimento da Sala das Pêgas tem de espaço a espaço uma figura em fórma de vaso ou amphora, o das salas seguintes as maçarcas ou flores de liz, de que já nos occupámos.

Mais modernos, mas tambem dignos de menção, os azulejos azues e brancos, que se vêem, como já dissemos, na Sala dos Brazões e Sala do Banho ou dos Esguichos. Supponho-os postos nas paredes no tempo de D. Pedro II, por occasião das obras feitas pelo provedor Conde de Soure.

Leva-nos a esta supposição o vestuario das figuras de uma e outra sala, e a fórma de estuque que se vê na sala do Banho ou dos Esguichos. Onde seriam elles pintados?

É difficil averiguar. Havia muitas olarias em Lisboa onde se trabalhava neste genero de ceramica (1). E houve mesmo uma escola notavel em que se distinguiram os noviços do Convento de Palmella.

(1) Em principios do seculo XVII havia em Lisboa 13 olarias de azulejo e ainda mais era produzido nos vinte e oito fornos de louça de Veneza que havia na cidade. (Oliveira, *Grandezas de Lisboa*.)

Eram filhos das mais nobres familias de Portugal, que, revelando aptidões artisticas e talentos para a pintura, eram mandados para Italia estudar.

Formou-se assim uma notavel escola de pintores de azulejo que produziu artistas insignes. Serão d'elles estes quadros de Cintra? Não é facil averiguar. Como tambem o não é saber ao certo onde foram fabricados os do resto do Palacio.

Sabemos pelo livro do almoxarife André Gonçalves que no tempo de El-Rei D. Manuel, pelos annos de 1508 e seguintes, os azulejos vinham de Belem, trazidos em caixões sobre cavalgaduras.

É interessante mas não cabe neste capitulo, nem resumidamente, a historia do ramo de ceramica, em que fomos talvez mais insignes.

«Le pays—diz Jacquemart referindo-se a Portugal—est en quelque sorte le nouveau monde de la céramique» (1). Quem no entretanto quizer obter alguns esclarecimentos ácerca d'este curioso assumpto póde consultar as obras adeante indicadas, onde colherá elementos interessantes sobre o azulejo em Portugal.

Raczynski, *Les arts en Portugal*, pag. 408—Azulejos—Communication de M. le Vicomte de Juromenha, 1844; pag. 434—*Communication de M. Rivara*.

Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*.

A Celeuner, *Portugal—Notes d'art et d'archéologie*. Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica Portuguesa*, 1.^a e 2.^a parte—Porto, 1894.

J. Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhõa em Azeitão*, pag. 29 e seguintes.

Theodor Rogge, *Keramek und decoration in Portugal*.

Liberato Telles, *Pavimentos*, 1896, pag. 202 e seguintes, que cita, além dos indicados:

Conceição Gomes, Memoria publicada no semanario *Engenharia e Architectura*.

Davilier, Reinaud-Renan, Jacquemart, Lampride, Riaño, o *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art*, e o Dr. A. Mendes Simões de Castro.»

(1) Liberato Telles, *Pavimentos*, pag. 212.

Da *Lisboa antiga* (Bairro alto de Lisboa), pag. 117 e seg. t. I, ed. de 1902 (pelo sr. Visconde de Castilho, Julio):

«Um luxo que os proprietarios se permittiam com larga mão era o *azulejo*; esse sim; não reluzia só nos corucheos dos templos, mas enfeitava por dentro as salas e escadarias dos casarões a que se chamava palacios. Concedamos pois a estes os seus silhares de bom *azulejo* orlando a parte inferior das paredes, de si caídas e desnudas, revestidas porém (é provavel) no verão, dos celebres panos de guadamecins, que já cá se fabricavam ⁽¹⁾, mas de que ainda assim só em Lisboa se importavam dois mil por anno ⁽²⁾; ou, no inverno, das lindas tapeçarias estrangeiras, os panos de Granada, por exemplo ⁽³⁾ que no classico seculo XVI entraram, como tudo, a conspirar com o antigo, e (contra o uso) a representar assumptos mythologicos, fabulas moraes de Esopo, ou anedotas folhetinisticas de Ovidio.

O *azulejo*, esse é antigo, muito antigo em Portugal: provavelmente veio dos Moiros. Os *azulejos* granadinos são bellissimos; ha-os na Alhambra, relevados, coloridos, e doirados com o esmero do mais bello periodo da civilização arabe; attestam bem a que alto grau chegára em eras remotas aquelle ramo curioso da ceramica ornamental. Esses córam dos seus degenerados netos de hoje, industria decaida em Portugal, e que de todo perdeu os seus fóros de arte, e se arrasta nos limites estreitos do molde e da impressagem.

Ha porém indicio de uma certa reacção. O distincto pintor o sr. João Pereira, meu amigo, executou ha uns tres annos, isto é, por 1899, uma obra colossal no genero: o revestimento de uma grande cascata em certa quinta do Algarve. Vi esses azulejos expostos, em quadros, na rua Nova da Palma. No conjuncto pareciam antigos; nos pormenores, na delicadeza do toque, na graça da perspectiva aerea, revelavam mão de mestre, educado nas escolas modernas.

Os da celebre *torre de la Cautiva* na Alhambra, trecho intacto d'aquelle phantasiOSO poema dos califas, são esplendidos, no dizer dos viajantes.

(1) Guadamecineiro d'El-Rei; a Camara o deixasse estar com sua tenda armada—Cartorio da Camara, L.º 3.º d'El-Rei D. João III, fl. 25.

(2) *Estatistica* manuscripta e anonyma, em bella letra gothica moderna, do tempo d'El-Rei D. João III, e existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(3) Gil Vicente.—D. Duardos.

Nós cá, imitadores mais ou menos aproveitados, também tivemos magníficos *azorechos*. No século XVI importavam-se de fóra, e ao mesmo tempo faziam-se no reino; não os sei distinguir. Ha-os n'uma capella do lado da Epistola na igreja de S. Roque, bellissimos, de puro gosto italiano, mas obra portugueza, assignada por *Francisco de Mattos*. No desenho talvez lembrem um pouco as *loggie*. São preciosos, até pela data, que ainda conservam, 1584. É, segundo creio, esta a primeira vez que vão mencionados com o apreço que merecem.

Ha outros insignificantes como desenho, mas cujo merito consiste na data de 1596; são dos lados direito e esquerdo do guarda-vento da porta principal.

Vejo-os de primeira classe, provavelmente do principio do século XVIII, no hospital de S. José, antigo collegio da companhia; perfeitos quadros de Pillement, Téniers, Van Cuyppel; e abundantissimos; no paço e nos claustros de S. Vicente, etc. Oxalá se entenda sempre que essas preciosidades valem mais do que miseraveis estuques ou papeis!

No tempo d'El-Rei D. Manuel, em 1500, quando elle deu o foral da portagem de Lisboa, importavamos azulejos de fóra (1); muitos dos que ainda hoje admiramos são hollandezes; outros, como disse, são nossos, assignados e datados.

Conta João Baptista de Castro no *Mappa* (2), ao tratar da parochia da Ajuda, que na igreja velha os havia datados de 1587.

Mencionarei o magnífico painel a muitas côres, obra do século XVI, e que, tendo pertencido á capella de Nossa Senhora da Vida na parochial de Santo André, demolida em 1836, foi annos depois requisitado pelo Conservador da Bibliotheca Publica, Francisco Martins de Andrade, e collocado onde se acha num corredor do mesmo estabelecimento; outro esplendido quadro, também do século XVI, na igreja de Jesus em Setubal, copiado e descripto no *Archivo Pittoresco* (3); os que havia no palacio, hoje transformado inteiramente, da familia Galvão Mexia na rua dos *Moiros*, citados com o maior elogio num

(1) Artigos *Mallega* e *Azulejos* do dito Foral.

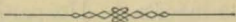
(2) T. III, pag. 121.

(3) T. I, pag. 352.

conceituoso artigo do *Diario de Noticias* (1); os admiraveis do palacio dos Loyos, hoje encaixotados e conservados algures na Academia das Bellas Artes; etc., etc.

Os outros autores, que mais proficientemente trataram d'esse assumpto, são (quanto a mim) Francisco de Assis Rodrigues, meu fallecido mestre, no seu *Diccionario*, o Visconde de Juromenha (2); o sr. Liberato Telles no seu livro *Pavimentos*, tão bello, tão seguro, tão cheio de doutrina, e onde a materia ficou analysada a primor; enfim, o sr. Rocha Peixoto, que no periodico portuense *O Primeiro de Janeiro*, deu admiravel contingente para tão complexo estudo (3). Se ao longo pois do *azulejo*, em que as montarias e os combates se emmolduravam em sabidas phantasias ornamentaes, tão das nossas vivendas, e hoje tão vandalicamente destruidos, procurassemos em casa de Nicolau de Altero, etc.

No mesmo tomo, a pag. 269, o sr. Visconde de Castilho, referindo-se aos azulejos da igreja de S. Roque, diz que são «preciosos, dos melhores que tenho encontrado».



«Diccionario tecnico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura, composto por Francisco de Assis Rodrigues»:

Azulejo, s. m. do arabe *axxalujo*, ladrilho pintado e vidrado, derivado do verbo *xallaja*, que significa liso e polido, fr. *carreau d'Hollande*, it., *quadrello*, ingl., *a square tile*:—(pint.) os *azulejos* são uma especie de faiança composta de argilla, ou barro cozido ao fogo, esmaltado ou vidrado por um dos lados; têm a fórmula quadrada, e ordinariamente medem entre 13 e 16 centímetros, pintados de diversas côres, e de diferentes gostos, com que se ornavam as portas dos edificios, os vestibulos, os corredores e as escadas de grandes e pequenas casas, e até se forravam e forram as paredes exteriores d'ellas. Crê-se que foram os arabes os primeiros inventores do *azulejo*, e d'estes passou á Hollanda e á Hespanha o seu uso na idade media. Os arabes

(1) De 11 de julho de 1894, que attribuo ao meu erudito amigo o sr. Dr. Sousa Viterbo.

(2) Nas communicações dadas ao Conde Raczynski e publicadas no livro *Les arts en Portugal*.

(3) Numero de 20 de Março de 1902.

pintavam os *azulejos* copiando cartões e desenhos de habéis artistas; alguns d'estes cartões conservam-se em Alhambra.

Em Portugal ha ainda egrejas e casas particulares que os teem assim nas entradas e escadas, como tambem nas paredes interiores e exteriores de algumas casas, que são inteiramente revestidas de *azulejos*. Elles apresentam de ordinario um fundo branco com desenhos, que pela maior parte são de côr azul. Os mais antigos são relevados, representando figuras, flores e arabescos. Ha documentos do seculo XV que nos certificam, que nesta epocha eram já muito usados entre nós. Devem-se referir a esta epocha, ao menos provavelmente, os azulejos que revestiam as paredes da antiga igreja de Santo André de Alfama, hoje demolida, os dois medalhões, que se vêem sobre a igreja da Madre de Deus, fundada pela rainha D. Leonor, esposa de el-rei D. João II, os que existem no convento da Pena, em Cintra, e no palacio, que tambem são de relevo, e outros.

Em casa do conde de Almada, ao Rocio, ha muito bons *azulejos* pintados, que representam a reunião dos patriotas portuguezes, que em 1640 nos livraram da dominação de Hespanha. Em grande parte dos palacios e casas dos seculos XVII e XVIII se vêem *azulejos* pintados, e é a esta epocha que se devem referir os melhores, que ainda possuimos.

Evora tambem tem bons azulejos antigos e modernos.

Os do convento dos Loios, que vimos, representam sujeitos historicos com figuras de grandes dimensões, pintadas por Antonio de Oliveira em 1711. O mesmo pintou os que ornãm a torre de Outão em Setubal, que tambem vimos, e que são obra de merecimento. Parece, em vista do que deixamos dito, que houve em Portugal alguma escola ou estabelecimento, em que se crearam artifices e operarios, que fizeram o grande numero de obras d'este genero, que se acham espalhadas por todo o reino. V. *Les arts en Portugal*, par le comte A. Raczyński, tomo I.

Do *Primeiro de Janeiro*, 20 de Março de 1902:

Quando o azulejo figurado da Hollanda chegou á peninsula, os velhos padrões de arabescos e mosaicos, fundamente ligados á industria textil pelo sentimento inspirado da decoração e ornamento, cederam o logar, em parte, á novidade radiosa que surgia.

Florões e estrellas, rosetas e laçarias que formavam apenas alizares ou cobriam paredes inteiras num brilhante e fresco e colorido revestimento de faiança, procediam directamente da industria que legara o arabe, como em legado o semita a recebera do ceramista olvidado e distante da Mesopotamia.

Então, numa era de memoria perdida, fôra inventado o esmalte que eternisaria as grandes pinturas muraes nos tijolos constructivos; a graça e o esplendor dos templos e dos palacios reaes sobressairiam com as suas representações historicas e miticas, com a exuberancia ornamental dos frisos, umbreiras e fachadas—agora indestructiveis ou no perenne deslumbramento do sol ou sob as impetuosas chuvas e torrentes que inundavam, de longe a longe, todo o Iran!

Babilonia primeiro, depois Ninive, ás côres amarella e branca que empregavam sobre um fundo azul, juntavam, para toques complementares, outras côres applicadas em sulcos cavados no barro; e a figuração explicava-se em epigrafes de grandes caracteres para rememorem, mesmo ao longe, os attributos divinos, as façanhas dos tiranos e a imponencia estridente das victorias!

Ora foi dos contôrnos elegantes do alfabeto cunico, em que as inscrições proclamavam as glorias da Assiria e da Caldeia, que o arabe se aproveitou para o seu estilo decorativo inconfundivel; e foi ainda, porque já com saliencias avultavam os detalhes, que do caldaico e do assirio herdou o exemplo e o exito do tijolo relevado.

As vicissitudes da guerra e os contagios generalisaram, por todo o Oriente, o barro esmaltado e decoral; lá sobrevive na Persia; transmittira-se ao Egipto desde o reinado longinquo d'um Ramsés; em toda a costa da Africa, até ao Estreito, se estendeu e ficou; na peninsula, por fim, o introduziu o arabe, com outra industria e lavoura.

A ornamentação geometral do tijolo mouro, persistindo ulteriormente no azulejo hispano-mourisco, modificou-se natural mas não profundamente; a placa mantinha-se, numa connexão com os desenhos e as combinações das manufacturas textis, exclusivamente decorativa, apenas utilizando, como já fizera o arabe a exemplo do precursor, um ou outro elemento florico. Até que os productos de Delft começam a inundar os mercados pelo seculo XVII; e a nós chegam essas maravilhosas placas de faiança figurando, em violeta ou azul, scenas biblicas, guerreiros e paisagens, kermesses, caçadas, combates, deliciosas marinhas, toda a bucolica flamenga inspirada nos mais insignes artistas de então.

Esta affluencia de adoraveis quadrinhos que, com as loiças, avultaram a producção da Hollanda e o seu commercio por toda a Europa, fôra precedida, um seculo antes, pelos padrões orlados de grinaldas e festões, com brutescos e serafins, que nos exportava Talavera; e a interferencia do ceramista italiano por egual acudia então ao evolver do ornato do azulejo para o assunto historiado.

Neste mesmo seculo XVII e sob a inspiração da placa flamenga desenham-se, plausivelmente, os nossos primeiros azulejos de figura solta; excluidos o brilho e transparencia do duplo esmalte, a espessura diminuta da placa e principalmente a graciosidade ingenua e a finura do debuxo, o azulejo portuguez avulso, adstringe-se tambem ao assunto nacional. Barbaro, sem tradição nem escola de arte local inspiradora, limitado em facultades imaginativas, o pintor apenas copia os objectos envolventes ou traça na faiança, primitivo quasi e simplista, o devaneio ou a fantasia baseados nas superstições e fabulas em que acredita e o embalam. Factura pessima, vidrado pessimo, este azulejo grosseiro e rude, considerado num conjunto, tem entanto alguma significação ethnografica: porque nella se estampam costumes, personagens e objectos que resumem popularmente uma iconografia do tempo através dos humildes oleiros que assim legaram o seu impressivo commentario e relato da vida de então.

Resaltam primeiro as flôres e os fructos, na variedade restricta dos productos conhecidos ou imitados da flora debuxada nas loiças que nos vieram do Oriente; as aves, por igual, surgem-nos frequentemente d'um exotismo proprio dos paizes quentes, em multipla variedade que a ornitologia regional não comporta; os peixes, os caranguejos e os molluscos completam, por fim, uma fauna que é duplice por imaginosa e local.

Como figurantes temos as damas, as freiras, os guerreiros, os duellistas, os caçadores e o alfenim. Reproduzidos a sério, a «verve» ingenua não deixa comtudo de accentuar os ridiculos em caricaturas monstruosas, um pouco na indole da satira de certos esculptores ceramicos d'outras grandes composições famosas: em S. Bento, de Evora, Cupido a saír do diabo, uma ratoeira na cabelleira d'uma dama, outras travessuras ainda, mais ou menos desenvoltas!

Exhibem-se ainda os objectos de uso caseiro, a jarra, o gomil, varios cabazes, as navalhas, as tesouras; vem depois os variados tipos de casas, reaes ou fantasiosos; os mirantes campestres, as torres orientaes,

o chafariz, o poço de carretel ou de roldana; as embarcações, emfim, onde parece descortinarem-se o calão algarvio, a lancha poveira, a rasca, o barco da pescada de Buarcos, o calique e o barco de vela de pendão.

O simbolo amoroso não deixaria de ostentar-se; ornamenta os jugos e as rocas, as loiças e os tecidos; é amuleto e é joia; figura capitalmente, com os emblemas religiosos, no corpo dos tatuados: corações simples, sub-postos a uma cruz, a um signo-saimão, a uma corôa real, a ramos e flores; corações ardentes e corações trespassados; corações com as cinco chagas de Jesus; corações sangrentos, corações unidos!

Os anjos e os diabos, o sol, a lua, as estrellas, a caveira, por ultimo, encerram esta iconografia traductora do sentir, da observação e das preoccupações que o oleiro confiou á sua imaginária breve e barbara.

Esta illustração pictural ou plastica da natureza ambiente e do sentimento dos homens e das coisas, ou ingenua ou culta, embebeu e interessou, de longe, pintores, gravadores e barristas. Depois das composições orientaes vem as scenas e os personagens dos mosaicos romanos; invade a tapeçaria; nos calendarios que precediam os missaes e outros codices illuminados, traçam-se allegorias dos diversos mezes com passagens allusivas á vida nacional; os lavrantes multiplicam nas salvas as lendas religiosas, as tradições misticas, os usos e costumes regionaes; e até o tatuador, tão afim esteticamente do pintor de azulejo solto, estampa e propaga em emblemas profissionaes, amorosos, eroticos, religiosos e outros, o saber e o sentir populares.

O azulejo figurado avulso forneceu pois, n'uma bisonha humildade estetica, o seu depoimento ideografico, que se póde interpretar parcellarmente á similhaça de muitos simbolos dos tatuados. E' o caso do martiriologio de Cristo, por exemplo, com os emblemas que o acompanham: o calix que empunhava o anjo que lhe appareceu no monte Olivete; os cilicios com que lhe applicaram os açoites; os dados para lhe jogarem a tunica; a lança com que Longuinhos o varou; a esponja que lhe chegaram á bocca sagrada para beber o fel amargoso; a escada a que subiram para o desligarem da cruz; as tenazes com que lhe arrancaram os cravos; o Sol e a Lua, emfim, que representam a passagem da claridade para as trevas, logo que Jesus expirou, e as pedras se partiram e o mundo tremeu!

Breve, porém, as grandes composições se generalisaram, subalter-

nisando-se a producção do azulejo de figura avulsa. Os pannos que nos vinham de Arras, na Flandres, eram caros e o ouro principiara já a faltar-nos. Substituímos-os pois, lento e lento, pelo grande quadro mural em faiança, no espirito e na imitação da tapeçaria que violentamente rejeitavamos.

Nos raz exhibiam-se as grandes composições sacras inspiradas no Velho e Novo Testamento, as mitologicas, as allegoricas, as historicas — Alexandre, Dario, Annibal, Cesar — até as nacionaes: a vida do conde D. Nuno, as proezas de Affonso V e a Historia da India, mandada tecer e illustrar pelo Venturoso!

Nos azulejos, que vem occupar os logares dos textis, traçam-se por igual as scenas biblicas, a vida dos santos: a de S. Bento, por numerosos conventos e capellas; a de Santo Antonio, nas propriedades que pertenceram aos senhores de Cunha e Taboa, exhibindo os seus milagres mais tocantes: a de S. Lourenço, nos Loios, em Evora; a de S. Pedro de Rates, na Sé de Braga; a de S. Francisco, em Guimarães; a de S. Domingos, em Almada; a de S. Teotonio, em Vizeu.

Os assuntos allegoricos, mitologicos e de historia antiga são ainda imitados, quasi copias: a historia do filho prodigo, em S. Tiago de Evora; as batalhas de Alexandre, na quinta do Monteiro-mór, em Sacavem. A' historia nacional consagram-se outros: os de campanha, na torre dos Azevedos, na Lama, em que entraram ascendentes da casa; os do Palacio de Fronteira, em Bemfica, representando as batalhas em que tomaram parte os membros da familia e numa das quaes, a de Ameixial, o fundador do palacio lucha corpo a corpo com D. João d'Austria; os do palacio do conde de Almada, representando os principaes factos da revolução de 1640.

Por toda esta vasta galeria, além ainda das touradas, das scenas de caça e pesca, das merendas, das eclogas, de episodios galantes, ditirambicos uns, outros elegiacos, não raro surgem assuntos do mais flagrante character portuguez, como a adoravel representação imagetica da lenda, tão frequente em Portugal, do apparecimento da Virgem, nos azulejos que revestem a ermida de Nossa Senhora do Cabo, em Cezimbra: dois venturosos velhos sonhando que apparecia a Senhora neste logar; esta com o menino, numa jumentinha, e um anjo guiando; varias romeiras, com seus alforges, vindo de longe e em adoração, a admirarem o prodigio; a edificação d'um templo de majestosa fabrica e o mestre de obras e operarios trabalhando; a perspectiva da egreja e do

arraial na mesma occasião em que entra um cirio, trazendo adeante musica de clarim e de timbales.

Esta larga e brilhante decoração mural que ensejou entre nós um esplendente e profuso labor artistico não tem merecido, entretanto, o desvelo de governos, de autoridades e do publico. Todavia, e a despeito das successivas e frequentes delapidações conhecidas, a abundancia foi tal que das epocas e d'essa arte da pintura em faiança sobejam os despojos que as fixam e esclarecem uma e outras. Assim tambem dos esplendores da Babilonia e de Ninive os seus tijolos esmaltados accusam ainda hoje um aspecto da magnificencia augusta dos palacios e templos outr'ora soberanos n'esse planturoso valle do Tigre e do Eufrates — não obstante a assolação que transmudou num deserto calcinado e fulvo essa necropole immensa da civilisação, gloriosa e magnifica, que imperou na Mesopotamia!

Porto

Rocha Peixoto.

De Bemfica á Quinta do Correio Mór, pag. 6, (1905) pelo sr. Gabriel Pereira:

«O alto rodapé da sala de jantar é de azulejos, azul em fundo branco, em grandes e pequenas composições conforme os espaços. É trabalho, e grande, feito propositalmente para alli, para aquelles vãos de parede, bem composto e executado. É uma série de quadros representando, parallelamente, as phases da vida humana e a historia de um navio. Aqui se vê a criança de mama, ao colo da mãe, e o berço, as graciosas pequenas roupas; logo as scenas da primeira infancia, as ingenuas brincadeiras. Neste quadro rapazotes bem postos aprendem os exercicios da caça, noutro representa-se-nos uma aula, os meninos attentos á lição do mestre. Vae seguindo a construcção do navio, alli o fabrico do cavername, depois o assentar do forro, o trabalho do calafate; logo o erguer dos mastros. E toca a viajar sobre as aguas do mar, para a India ou para o Brazil; lá está o navio com o velame ao vento, prestes a sair do porto.

Temos agora um casamento, e no quadro seguinte uma profissão

em casa religiosa. Era o caminho necessario em familias antigas, de bens vinculados; o excesso de filhos transbordava para as armas, ou para o claustro; meninas sem dote raras casavam, iam para freiras, e em certos conventos passava-se muito bem a vida. Em varios quadros scenas da vida caseira; o concerto musical; a dança animada; os prazeres campestres de boa sociedade.

Um naufragio agora, o navio torturado, pannos rotos, mastros partidos no vendaval furioso. Muitas outras scenas, bem desenhadas e compostas, com sufficiente minucia em trajos e utensilios, mesmo em attitudes, se nos deparam na interessante serie de azulejos.

Noutra sala os azulejos em rodapé, representam as quatro estações. Na sala chamada dos Apostolos ha caçadas de montaria, do veado, do javali, do leão. Esta sala tem um esplendido tecto de madeira, em variados caixotões, formando grandes molduras com obra de entalhado, pintado e dourado, frisos de flores, e os lisos pintados a oleo representando scenas mythologicas.

Na capella os azulejos representam scenas de devoção; eremitas e frades oram e meditam; num d'esses quadros surge um anão risonho. No jardim vi tambem uma estatua de anão, bem executada.

Na cosinha, tambem ha azulejos a notar; na cosinha, apparecem as peças culinarias, coelhos, perdizes, presuntos, chouriços, hortaliças.

A cosinha do Correio-mór é magnifico exemplar completo, com as suas grandes chaminés, grandes mesas de marmore, e agua corrente em abundancia.

Em rodapés de antesalas, em alegretes de jardins, encontram-se frequentemente as scenas da comedia italiana, as serenatas, os jogos, casos de amores e ciumes, brigas de espadachins, cortezias de tafues, as varias combinações de Pulcinello, Arlechino e Scaramuccia, de Fracasso e Tagliacantoni, com Lucrecia, Colombina e a Signora Lavinia: não faltam os capitães Ceremonia e Cocodrillo, nem os casos comicos de medicos e barbeiros.

Domina sempre nesta alegre ornamentação o typo italiano, o que não se estranha attendendo aos muitos artistas de Italia que vieram a Portugal no seculo XVIII, e á tendencia dos artistas portuguezes a irem a Roma procurar a perfeição artistica. Mas ha excepções; uma bem saliente na quinta dos marquezes de Fronteira em S. Domingos de Bemfica; ha ahi azulejos hespanhoes e hollandezes de merecimento e excellente conservação.»

Duas palavras sobre pavimentos por Francisco Liberato Telles de Castro da Silva, conductor de 1.^a classe do quadro auxiliar do corpo d'engenharia civil (1896):

«O azulejo, posto que de origem arabe, bem depressa se vulgarizou, sendo adoptado como motivo decorativo por muitos povos e por elles modificado sêgundo as exigencias das differentes epochas.

Em Portugal usou-se muito revestir com azulejos as paredes das egrejas, das salas e das escadarias, uso que já no seculo XV era muito frequente.

Muitos e variados teem sido os assumptos reproduzidos sobre azulejo por artistas eminentes, cabendo, tambem, a Portugal a gloria de contar no numero d'estes alguns de seus filhos.

Os azulejos do seculo XV são caracteristicos, representando, em geral, caçadas, danças, combates de toiros e cavalladas.

Os que eram applicados ao revestimento das paredes dos templos representavam assumptos da escriptura ou da vida dos santos.

Os azulejos relevados representando figuras geometricas, florões e arabescos são mouriscos, e a Hespanha nas suas fabricas, principalmente nas de Granada e Sevilha, fabricou-os em larga escala e de optima qualidade.

No nosso paiz encontram-se com frequencia uns azulejos lisos com umas folhagens desenhadas em azul sobre fundo amarellô, cuja origem é italiana, mas que as nossas fabricas reproduziram e imitaram com vantagem.

A Hespanha tambem produziu uns azulejos lisos, finissimos, de côr branca e verde e magnifico esmalte que se encontram revestindo as paredes de muitos dos nossos edificios, e cujas côres ainda hoje conservam o seu primitivo vigor.

Os azulejos hollandezes são bastante vulgares no nosso paiz; os do seculo passado representam, em geral, paizagens e figuras em pequenos medalhões, pintados em azul ou roxo sobre fundo branco. Os mais antigos são reputados de valor pela riqueza das côres que apresentam, distinguindo-se pela rijeza, desenho facil, e pelo seu colorido.

Na capella de S. Miguel da egreja da Graça, em Santarem, ha grandes quadros, mas nota-se-lhes nas figuras a falta de expressão, variedade de colorido e belleza de desenho que distinguem os do seculo XVI.

Em Lisboa existem ainda bons e valiosos azulejos, como são os

que se encontram revestindo uma parte das paredes interiores do palacio do Conde d'Almada, ao Rocio, e que representam as principaes scenas da gloriosa conjuração de 1 de Dezembro de 1640, os do refeitório de Belem, representando differentes passos da vida de S. José; os do palacio do sr. de Pancas, a Arroyos, nos quaes se acha pintada a famosa batalha do Ameixial, em 1663; os das egrejas da Esperança, Santa Joanna, Madre de Deus, dos Cardaes (rua Formosa), escada do hospital de S. José, escada da repartição de fazenda do 4.º bairro, na calçada da Pampulha; Palacio do sr. Sequeira Pinto, na Costa do Castello; capella do lado da Epistola na igreja de S. Roque, etc.

Estes ultimos, bem como os da igreja dos Cardaes, merecem especial menção; aquelles são no gosto italiano, mas obra portugueza, datada de 1584 e assignada por Francisco de Mattos; estes devem ser do fim do seculo XVII, visto que em 1681 se começou a construção do respectivo convento.

*

Acerca dos da igreja de S. Roque escreve o meu collega Antonio Cesar de Ména Junior, a quem muito considero, na sua memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na igreja de S. Roque, o seguinte:

« . . . Os preciosos e bellissimos paineis de azulejo que revestem as paredes lateraes, de puro gosto italiano, mas obra portugueza, assignada por Francisco de Mattos e com a data de 1584, foram completados com pintura a oleo sobre estuque habilmente executada.»

Em Coimbra, Setubal e Evora, e em muitos outros pontos do nosso paiz, existem magnificas composições feitas em azulejo, predominando o desenho azul sobre fundo branco.

Ácerca dos azulejos de Evora encontram-se preciosas indicações nos «Estudos Eborenses» do meu ex.^{mo} amigo sr. Gabriel Pereira, e que por serem de capital interesse transcrevo, com a devida vénia:

«Nenhuma povoação do paiz possui tão grande variedade de azulejos como Evora; muitos e optimos exemplares de differentes épocas. Alguns estão datados, a outros podemos marcar-lhes epoca, porque fa-

zem parte de obras datadas, sem vestigio ou indicio de alteração ou concerto posterior.

Os azulejos em relevo da capella de Garcia de Rezende, na cerca do Espinheiro, são de 1520.

Os da sacristia da Casa Pia, 1599.

Capella mór da egreja da Casa Pia, 1631.

Egreja de N. S.^a das Brotas, á porta de Raymundo (recentemente modificada), 1651.

No refeitório de S. Bento, 1654.

Portaria do Paraizo, 1678.

Santa Martha, 1698.

Em S. Thiago, bellos azulejos representando a historia do filho prodigo, assignados—Gabriel del Barco F. 1699.

(Em S. Pedro, hoje Escola-normal, havia azulejos de gosto e desenho inferior, 1702).

Loyos, egreja de S. João Evangelista, assignados—Antonius ab Oliva, 1711.

Misericordia, Manuel Borges, 1716.

Ermida da Senhora da Cabeça, assignado—Oliva, 1736.

Casa Pia, no *conventinho*, 1745.

Idem, na porta da aula para a varanda, 1746.

Os bellos azulejos do Espinheiro e das Mercês da segunda metade do seculo passado, assim como os da rotunda da Casa Pia.

Do seculo XVI devem ser ainda os de S. Braz, alguns do Espinheiro (escada da cisterna), alguns em relevo em S. Francisco (sacristia), e outros muitos notaveis que estavam na arcada da horta do convento do Salvador, de que ha specimens na collecção da Bibliotheca publica.

Tambem do seculo XVI são os seis formosos azulejos que estavam na claustra de S. Bento, de mimoso desenho, representando a—Anunciação—, e que actualmente pertencem á Bibliotheca publica.

A respeito dos da egreja da Misericordia encontrei que em 1715 se contratou com o azulejador Manuel Borges o fornecimento dos azulejos.

O trabalho agradou, porque em maio de 1716 a Mesa deu-lhe como gratificação duas duzias de queijos, na importancia de 4\$800 réis. (Livro das despesas dos mezes que principiou em julho de 1712).

Antonio de Oliveira assignou os seus azulejos de bello desenho na egreja dos Loyos. Nas capellas lateraes da egreja do Espinheiro ha azulejos com ornatos, figuras, pequenos quadros que são lindissimos. De bom colorido vivo e de firme desenho são os da egreja das Mercês, tendo ao mesmo tempo bastante originalidade. O artista representou os symbolos da Virgem, o poço, a torre, o sol, a lua, o espelho, etc., em molduras ellypticas sobre um todo architectonico, com uma nitidez, um gosto, uma correcção admiraveis.

Os da sacristia da Casa Pia são originaes tambem, a pintura representa pyramides de base quadrada.

A pequena egreja das Brotas era revestida de azulejos em quadros de bom desenho; muito superiores aos que revestiam a egreja de S. Pedro.

No seculo XVII os ladrilhadores, ou melhor os pintores de azulejos, obedecendo ao gosto da época, tiveram a mania de imitar a ceramica indiana. Temos em Evora muitos exemplos d'isto. Aproveitavam os conhecidos ornatos extravagantes dos jarrões de Malabar e Martavão, as folhagens, os animaes caprichosamente agrupados, as graciosas meudezas dos pratos do Industão. Bastará citar os da entrada da Casa Pia, da terceira capella á direita em S. Francisco, outros identicos numa capella de S. Vicente, na egreja de Santo Antão, na capella da claustra do extincto convento de Santa Monica, etc.

Os azulejos de S. Braz devem ser antigos; o veneravel templo parece ter soffrido poucas alterações ou reparos. As paredes estão revestidas de azulejos, e meios azulejos, verdes e brancos, formando xadrez e alguns centros variados, em arabescos. Ora estes azulejos correspondem exactamente aos que revestem ainda hoje no Espinheiro as paredes da pequena escada que leva ao terraço da cisterna.

Ha uma particularidade de fabrico nestes azulejos que me parece merecer reparo; os brancos são de um barro claro, fino, e nos verdes, fazendo saltar um bocadinho de esmalte, descobre-se um barro finissimo, vermelho vivo, que supponho de Estremoz.

No ponto de vista artistico, principalmente na historia da arte, são de particular importancia os azulejos relevados; é nestes que se manifesta bem a influencia mourisca que foi grande no seculo XVI.

Não são raros os azulejos, de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos: em S. Braz, no Espinheiro, etc., ha muitos exemplares. Em construcções do fim do seculo XV, ou começo

do seculo XVI, apparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, eguaes aos mais antigos da *Sé velha* de Coimbra, aos do paço real de Cintra, etc. Seriam fabricados em Evora, seriam importados de Granada? não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc., que nos provam que nos seculos XIV e XV, oleiros e ladrilhadores eram mouros; o mesmo facto se dava em Hespanha, ainda no começo do seculo XVI, como o prova o sr. Juan Riano no seu *Essay on spanish art* (publicado no Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum, 1881). Nesse trabalho importante, o sr. Riano é justamente considerado como auctoridade superior em historia da arte, affirma-se:—Tiles, «azulejos», painted à *reflets*, are only to be found at the *Cuarto Real*, at Granada, and at the *Casa de Pilatos*, at Seville.—Pois Evora conserva bastantes exemplares d'essa raridade.

Diz ainda—During the middle ages *axulejos* had been decorated with a mixture of Arab and Gothic ornamentation. At the *renaissance*, Italian forms began gradually to be adopted.

Em Portugal, e só em Evora, temos exemplares comprovativos de todas as evoluções, seguiu-se a mesma lei; especimen admiravel do *axulejo da renascença* é a—Annunciação—que está na Bibliotheca. Mas logo á influencia da renascença italiana succedeu outra muito poderosa, a indiana, ou melhor, asiatica, como é natural, num paiz que em poucos annos, no primeiro quartel do seculo XVI, se viu inundado de porcelanas indostanicas.»

Com referencia á igreja de S. Bento de Castris escreve, ainda o mesmo Ex.^{mo} Sr.:

« . . . Era sobre a porta de uma capella da claustra que estavam os formosissimos seis azulejos, representando a Annunciação, um mimo da renascença, no genero, que hoje se guardam, com a sua moldura forrada de velludo vermelho, na colleção da bibliotheca publica.

As cosinhas e refeitório da comunidade não servem ha muito; o refeitório é uma casa enorme, de abobada, feito ou renovado em 1605. Tem uns quadros em azulejo notaveis, de 1654; o tecto conserva ainda a pintura caracteristica da primeira metade do seculo XVII, representando o ar, o fogo, a agua, a terra, os mezes, as estações, etc.

É a igreja do convento muito formosa; as suas proporções, os seus entalhados, quadros e azulejos formam um conjuncto de aspecto agradável. Entre os quadros alguns são regulares; merecem, porém, attenção especial os dois que estão proximos da grade do côro de cima, exactamente os peior collocados para o observador. Não parecem completos, ou talvez sejam os lados de um grande tryptico; principalmente aquelle em que se vê uma comprida escada é de um tom, de finura, de expressão, de uma execução excepcional; era até há poucos annos inteiramente ignorada aquella joia, agora é já conhecido por bastantes entendedores.

Merecem reparo as suspensões das lampadas, em madeira, de muita elegancia. Nos azulejos ha cousas raras, de uma grande audacia; o pintor não era mau, mas esteve de proposito a fazer caricatura, e a inventar symbolos extraordinarios; tinha provavelmente alguma espinha com as freiras e vingou-se no azulejo; o grande pintor de certo quadro da igreja de S. Francisco vingou-se dos gracejos e desdens de uma dama da côrte, diz a lenda, pintando-lhe o retrato na figura do demonio; o dos azulejos de S. Bento tão raivoso estava que foi pintar o Cupido a sahir do diabo, poz uma ratoeira na cabelleira da dama, e outras travessuras mais ou menos frescas que nos tempos antigos, nos bellos e piedosos tempos antigos, se toleravam; e que hoje nos parecem brutaes, grosseiras, em geral, e inteiramente improprias em taes logares.»

Os azulejos arabes possuem umas côres d'um esmalte lindissimo e cujo processo, apesar de muitas e repetidas tentativas, não conseguiu, até hoje, ser conhecido; a côr verde, por exemplo, é d'um vigor surprehendente.

Em Portugal ha pouco quem se ocupe do assumpto *azulejos* e causa verdadeira magua vêr os preciosissimos exemplares que por todo o paiz se encontram ignorados, ora nos velhos claustros de arruinadas igrejas, ora no interior dos conventos, escadarias, etc., objectos estes duplamente preciosos quer pelo seu valor artistico, quer pelo archeologico.

Estão neste caso os azulejos que se encontram revestindo d'alto a baixo as paredes da igreja de N. S.^a das Salvas, em Sines.

Estes azulejos que são tudo o que ha de melhor no genero foram encommendados em Italia por El-Rei D. Manuel.

Na igreja do Populo em Braga e na de Santa Maria da Graça

em Setubal, existem exemplares de subido valor, sendo os d'esta ultima obra portugueza e tão perfeita que nenhuma differença apresenta dos azulejos italianos.

Na egreja de S. Paulo da villa d'Almada tambem tive occasião d'encontrar bons azulejos e que alludem á conjuração do 1.º de Dezembro de 1640.

Em Santarem existem alguns antiquissimos, sendo para notar os da egreja de Marvilla.

Como já tive occasião de dizer, o uso dos azulejos já era vulgar no seculo XV devendo ser d'esta epoca, segundo a opinião do sr. Assis Rodrigues, os que revestiam as paredes da egreja de Santo André, os do convento da Pena e palacio real, em Cintra, e os medalhões da egreja da Madre de Deus.

Ha uma nota curiosa com referencia aos azulejos da egreja de Santo André e que põe bem em evidencia o seu valor.

Quando se tratou da demolição d'aquella egreja (1845) José Valentim, um dos mais distinctos archeologos e um dos maiores investigadores da arte antiga, sabendo da existencia dos bellissimos azulejos que revestiam as paredes da egreja de Santo André fez com que o architecto da Camara, Malaquias Ferreira Leal, se interessasse pela conservação d'aquellas preeiosidades artisticas e archeologicas, obtendo este funcionario que baixasse uma portaria das obras publicas na qual se ordenava fossem arrancados e conservados os ditos azulejos, operação que começou a executar-se no dia 7 de janeiro de 1845, com a assistencia de José Valentim, sob a direcção do architecto Sergio.

Foram, pois, encaixotados e conduzidos ás obras publicas os azulejos de que se trata, e ali permaneceram até ao anno de 1861, época em que um inglez, vindo expressamente d'Inglaterra, propoz compral-os, ao que obstou José Valentim por intermedio do sr. Francisco Martins d'Andrade, conservador das medalhas, manuscriptos e antiguidades, que por seu turno officiou ao sr. Mendes Leal, bibliothecario-mór, pedindo para que aquelle senhor os reclamasse para a bibliotheca, como objecto d'arte, o que realmente conseguiu a despeito do inglez que os pretendia.

Representam estes azulejos os evangelistas S. João e S. Lucas com o toiro. No centro vê-se a adoração do menino Jesus. As figuras são de notavel expressão, principalmente a da Virgem e a de S. José.

O friso representa uns arabescos amarellos em fundo castanho bem sombreados e que são executados com notavel perfeição.

O desenho é facil, mas de valor. As côres predominantes são verde, amarello, rôxo e azul, mas em variadas combinações. Os cambiantes são taes que, á primeira vista, dão o effeito de côres mui diversas.

Presume-se que este quadro seja de 1580.

O sr. Visconde de Juromenha faz menção dos azulejos que existem na egreja parochial de Aldeia Gallega da Merceana, que considera preciosos, nos quaes, segundo alguns entendidos, se vê o retrato d'el-rei D. João II, achando-se a divisa d'aquelle monarcha (o pelicano) no portico de egreja, divisa que foi por el-rei D. Manuel adoptada em todos os monumentos que haviam sido começados ou ordenados por aquelle monarcha.

O sr. Conde de Ráczyński no seu livro intitulado — «Les Arts en Portugal» — falla-nos dos bons exemplares existentes em Alcochete, na quinta da Penha Verde em Cintra e de muitos outros que reputa notaveis, como a tomada d'Arzilla, o trophéu encontrado proximo da sepultura de Camões no Convento de Sant'Anna, etc.

Tambem são bastante valiosos os azulejos existentes no claustro da egreja de S. Vicente de Fóra e que são obra portugueza do notavel pintor Daniel, os da ermida de S. Sebastião em Almada, egreja do Bom Successo em Cacilhas, predio do dr. Ayres de Campos na Rua de S. José, n.º 207, ermida da Trafaria, egreja de S. Simão na Piedade, palacio do sr. Mexia na rua dos Moiros, antigo palacio do Conde de Sampaio na calçada dos Cesteiros, etc.

Portugal, como já tive occasião de dizer, teve, pois, bons artistas de primeira ordem, que applicaram o seu talento á pintura dos azulejos figurando entre aquelles, como muito notaveis, uma parte dos frades noviços do Convento de Palmella, filhos das mais nobres familias portuguezas, e que revelando talento e aptidões artisticas foram mandados estudar em Italia, e assim possuiram os frades, e, por consequencia, o paiz, insignes pintores d'azulejos que neste genero nos legaram obras primorosas como, por exemplo, as que se encontravam na egreja de S. Pedro de Palmella e que eram d'um incontestavel valor artistico.

Esta egreja que por effeito do grande tremor de terra de 11 de novembro de 1858 soffreu bastante, cahindo grande quantidade de azulejos que lhe revestiam as paredes, foi mais tarde reconstruida, sendo por essa occasião (1862) chamado um pintor de nome Marianno Bran-

ção e que, por assim dizer, vivia quasi ignorado, para recompor os magnificos paineis d'azulejo, de 3 e 4 metros d'altura, que o tremor de terra de 1858 destruiu.

Tão bem se houve este artista da espinhosa tarefa, imitando, a fresco, todas as pinturas, quer em paineis completos, quer em pequenos fragmentos no meio d'outros, que o seu nome até então quasi desconhecido, conseguiu passar á posteridade cercado d'uma aureola de gloria.

O trabalho de Marianno Brandão tem tanto valor artistico, é tão notavelmente superior, que nem o mais experimentado artista conheceria as emendas e as imitações se não fosse, apenas, a falta de brilho que entre estas e o azulejo se nota.

A morte, sempre implacavel, após esta corôa do grande artista, veiu impedil-o de continuar a honrar o paiz com o seu notavel talento.

Mais tarde, um outro individuo de nome Luiz Ferreira, muito conhecido pela originalidade dos seus trabalhos de pintura em taboletas, d'onde lhe vinha o cognome do Luiz das taboletas, ou o Luiz doido, graças á prodigalidade do seu viver accidentado, lembrou-se já aos 70 annos de fazer resuscitar a pintura em azulejo.

Tinha Luiz Ferreira um amigo, Garcia se chamava elle e era proprietario da cervejaria da Trindade, a quem communicou os seus intentos conseguindo d'elle auctorisacão para lhe pintar os azulejos que hoje decoram as paredes da dita cervejaria e que, diga-se de passagem, alguma coisa de novidade apresentam pelas variantes de côres que Ferreira soube obter.

Mais alguns trabalhos d'este genero produziu este artista, como os azulejos que revestiam a fachada d'um predio no Largo da Abegoaria e em que se notava novidade nas côres: porém, já velho, a morte arrebatou-o, morrendo com elle o processo pelo qual conseguiu melhora-los.

*
* *

Em todas as epochas se revelam aptidões e é, em geral, o acaso que as faz conhecer ao proprio individuo que as possui.

Estão neste caso Bemvindo Ceia e Luiz Cardoso.

Com relação ao primeiro acontece que dirigindo eu umas grandes reparações no hospital d'Arroyos, quando se procedia a um trabalho

no vestibulo, que parecia ser todo azulejado, se notou ao arrancar, por ordem da administração do hospital de S. José, um retabulo de certo valor que cobria a parede da frente, entrando, não estar ella azulejada, o que me collocou em embaraços sobre se devia arrancar o azulejo das demais paredês ou mandar pintar naquella um quadro imitando azulejo, subordinando-o ao assumpto de que os outros se occupavam.

Bemvindo Ceia é desenhador e está ao serviço da secção a meu cargo, e, consultando-o sobre o assumpto, respondeu-me que ia tentar pintar o quadro subordinando o assumpto ao dos demais ali existentes.

Acceitei a proposta e Bemvindo Ceia encetou o trabalho, do qual se houve tão bem que faz honra não só aos professores que o ensinam como á Academia de Bellas Artes que frequenta.

Ainda sobre este novel artista e tambem ácerca de Luiz Cardoso me occuparei quando tratar da igreja da Madre de Deus.

(Continua).